

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**MICHELLE DENISE LEONHARDT CAMARGO**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO CONTEXTO FAMILIAR:**  
**Percepções sobre Ferramentas e o Desenvolvimento Cognitivo Infantil**

**São Leopoldo**

**2022**

MICHELLE DENISE LEONHARDT CAMARGO

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO CONTEXTO FAMILIAR:  
Percepções sobre Ferramentas e o Desenvolvimento Cognitivo Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis, pelo Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Ms. Márcio Roberto de Mello

São Leopoldo

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Meu primeiro agradecimento é dirigido aos meus pais e minha família pelo exemplo de vida e pelo amor incondicional.

Ao meu marido por todo o suporte diário, paciência e compreensão.

À minha filha por ter despertado em mim a vontade de entender o pensamento infantil mais a fundo e por proporcionar diferentes experiências de aprendizado, me ensinando a olhar o mundo com olhos e interpretações que eu já não mais tinha.

Aos amigos que apoiam, entendem e compartilham comigo as conquistas.

Ao meu orientador que sempre esteve presente com ensinamentos, palavras de encorajamento e energia positiva.

A todos vocês, obrigada.

## RESUMO

A educação financeira na fase da infância pode contribuir para evitar problemas futuros de endividamento e deve ocorrer não só na escola, mas também na família, considerando a capacidade de entendimento da criança. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo verificar a contribuição do contexto familiar na formação do conhecimento financeiro, analisando as ferramentas utilizadas pelos pais e sua adequação com desenvolvimento cognitivo infantil. Para atingir tais objetivos, foi realizada uma pesquisa com 49 famílias com filhos menores de 16 anos. O instrumento usado para coleta de dados foi um questionário que foi aplicado no mês de março de 2022. Foi realizada uma análise dos dados obtidos através do grupo respondente, caracterizado por ser coeso, formado por famílias de classe social média ou mais elevada, com boa escolaridade. A conclusão da pesquisa demonstrou que, apesar de alguns comportamentos conflitantes, as famílias tendem a adotar ferramentas adequadas para educar financeiramente os filhos, dentro de seu desenvolvimento natural. Em termos teóricos, a pesquisa contribuiu para um entendimento mais amplo do tema, identificando os conceitos financeiros que devem servir como norteadores do processo de educação financeira infantil.

**Palavras-chave:** educação financeira; finanças pessoais; desenvolvimento infantil.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pesquisa sobre a presença da educação financeira na infância .....	12
Figura 2 - Criança realizando atividade escolar sobre educação financeira .....	15

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo dos estágios de desenvolvimento segundo Piaget.....	20
Quadro 2 - Atitudes recomendadas para educar os filhos .....	29
Quadro 3 - Atitudes corretas e os impactos na educação financeira infantil .....	30
Quadro 4 - Supermercado como ferramenta de aprendizado.....	39
Quadro 5 - Sugestões para educação financeira no estágio pré-operacional .....	43

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de crianças sobre responsabilidade dos respondentes .....	57
Tabela 2 – Idade das crianças sob responsabilidade dos respondentes.....	57
Tabela 3 – Maior grau de escolaridade das famílias respondentes.....	58
Tabela 4 – Renda familiar mensal.....	58
Tabela 5 – Área de formação dos pais/responsáveis .....	59
Tabela 6 – Conhecimento sobre finanças .....	60
Tabela 7 – Percepção da situação financeira familiar.....	60
Tabela 8 – Conhecimento sobre finanças .....	61
Tabela 9 – Idade de início da própria educação financeira.....	62
Tabela 10 – Aperfeiçoamento da própria educação financeira .....	62
Tabela 11 – Opinião sobre educação financeira infantil .....	63
Tabela 12 – Idade de início da educação financeira infantil .....	63
Tabela 13 – Idade de início do interesse pelo dinheiro ou consumo .....	64
Tabela 14 – Afirmações de atitudes e crenças .....	65
Tabela 15 – Livros e jogos educativos sobre finanças.....	67
Tabela 16 – Comportamentos apresentados ou estimulados por idade.....	68
Tabela 17 – Adoção da mesada (comportamentos) .....	69
Tabela 18 – Vivência cotidiana (comportamentos) .....	71
Tabela 19 – Conhecimento sobre vivência escolar.....	71

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC Base Nacional Comum Curricular

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1 TEMA .....	10
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	13
1.3 PROBLEMA .....	13
1.4 OBJETIVOS .....	14
<b>1.4.1 Objetivo geral</b> .....	<b>14</b>
<b>1.4.2 Objetivos específicos</b> .....	<b>14</b>
1.5 JUSTIFICATIVA .....	14
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	16
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>18</b>
2.1 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SEGUNDO PIAGET .....	18
<b>2.1.1 Estágio 1: Sensório-Motor</b> .....	<b>20</b>
<b>2.1.2 Estágio 2: Pré-Operacional</b> .....	<b>21</b>
<b>2.1.3 Estágio 3: Operacional-Concreto</b> .....	<b>23</b>
<b>2.1.4 Estágio 4: Operacional-Formal</b> .....	<b>23</b>
2.2 CONCEITOS NORTEADORES DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL .....	24
<b>2.2.1 Como ganhar</b> .....	<b>24</b>
<b>2.2.2 Como gastar</b> .....	<b>25</b>
<b>2.2.3 Como poupar</b> .....	<b>26</b>
<b>2.2.4 Como doar</b> .....	<b>26</b>
2.3 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PAIS .....	27
<b>2.3.1 O início da educação financeira infantil</b> .....	<b>28</b>
<b>2.3.2 Atitudes fundamentais para condução do processo</b> .....	<b>29</b>
2.4 FERRAMENTAS .....	31
<b>2.4.1 Dinheiro</b> .....	<b>31</b>
<b>2.4.2 Cofrinho</b> .....	<b>32</b>
<b>2.4.3 Livros e jogos</b> .....	<b>33</b>
<b>2.4.4 Mesada</b> .....	<b>33</b>
<b>2.4.5 Tarefas esporádicas</b> .....	<b>36</b>
<b>2.4.6 Vivência cotidiana</b> .....	<b>37</b>
2.4.6.1 Supermercado .....	38
2.4.6.2 Férias e Passeios .....	39

2.4.6.3 Datas Especiais.....	40
2.5 FERRAMENTAS X DESENVOLVIMENTO COGNITIVO.....	40
<b>2.5.1 Estágio sensório-motor .....</b>	<b>41</b>
<b>2.5.2 Estágio Pré-Operacional.....</b>	<b>42</b>
<b>2.5.3 Estágio Operacional-Concreto.....</b>	<b>44</b>
<b>2.5.4 Estágio Operacional-Formal .....</b>	<b>47</b>
2.6 RESUMO.....	48
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>49</b>
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	49
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	51
3.3 ETAPAS DA PESQUISA.....	51
3.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA .....	52
3.5 RESUMO.....	52
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>54</b>
4.1 QUESTIONÁRIO E OBJETIVOS .....	54
<b>4.1.1 Parte I - Conhecer o perfil familiar dos respondentes .....</b>	<b>54</b>
<b>4.1.2 Parte II - Entender sobre as crenças pessoais dos respondentes .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1.3 Parte III - Verificar o comportamento familiar dos respondentes.....</b>	<b>56</b>
4.2 RESULTADOS .....	56
<b>4.2.1 O perfil familiar dos respondentes .....</b>	<b>56</b>
<b>4.2.2. Crenças pessoais dos respondentes.....</b>	<b>59</b>
<b>4.2.3. Comportamento familiar dos respondentes .....</b>	<b>63</b>
4.3 RESUMO.....	72
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o tema explorado nesse trabalho, definindo o problema estudado e os objetivos que se deseja atingir com o estudo, além de justificar a relevância do tema na atualidade.

### 1.1 TEMA

De acordo com Gitman (2010), pode-se definir a área de conhecimento de finanças como “a arte e a ciência de administrar fundos”. A definição apresentada acima permite perceber que a área é bastante ampla, uma vez que o objeto em que se concentra seu estudo, o dinheiro, está presente no cotidiano de todas as pessoas.

Dentro do universo de finanças, uma atenção maior é destinada às empresas já que as mesmas apresentam transações complexas e atuam com maiores volumes de dinheiro. Todavia, a importância da adequada gestão financeira em um nível pessoal é também bastante relevante e vem apresentando crescimento acentuado no Brasil nos últimos anos. Segundo Assaf Neto e Lima (2019, p. xxviii):

No mundo de hoje e, principalmente, no Brasil, com uma relativa estabilidade da moeda, as pessoas estão aprendendo o valor do dinheiro que ganham, e com isso, dar bom uso às eventuais sobras financeiras que possuem, visando uma melhor comodidade no futuro.

A área de conhecimento de finanças pode ser subdividida em diferentes segmentos: mercado financeiro, finanças corporativas e finanças pessoais. O mercado financeiro tem como foco o estudo dos comportamentos dos mercados e das instituições financeiras que atuam no mesmo. Já o segmento das finanças corporativas foca no processo de tomada de decisão das organizações. O segmento de finanças pessoais é, por sua vez, aquele que estuda a aplicação de conceitos financeiros nas decisões financeiras de uma pessoa ou de uma família (ASSAF; NETO; LIMA, 2019).

No contexto das finanças pessoais, as preocupações estão concentradas na conscientização das pessoas sobre a importância de se viver de acordo com suas próprias possibilidades financeiras, procurando manter o endividamento inexistente ou o mais baixo possível. Entretanto, para que seja possível atingir essa

conscientização, é necessário que as pessoas sejam educadas financeiramente, de forma a adotar comportamentos saudáveis: consumir de forma consciente, elaborar planejamentos financeiros e tomar melhores decisões sobre seu dinheiro. Na cartilha Educação Financeira para Pais elaborada pela Câmara dos Deputados (2011, p.14), encontra-se a seguinte citação: “[...] administrar o dinheiro não se limita a saber economizar e fazer contas. Significa saber utilizar nossos recursos em prol do nosso crescimento e bem-estar [...]”.

A colocação acima ilustra a importância da educação financeira, que tem como objetivo principal o de levar conhecimentos sobre dinheiro e sua administração às pessoas, de forma a fomentar comportamentos básicos que podem contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas e de sua comunidade.

Observa-se, no Brasil, que a falta da adequada educação financeira causa uma série de consequências para a população adulta. No caderno de cidadania financeira, disponibilizado pelo Banco do Brasil (2013, p. 12), encontra-se a seguinte constatação:

A ausência de educação financeira, aliada à facilidade de acesso ao crédito, tem levado muitas pessoas ao endividamento excessivo, privando-as de parte de sua renda em função do pagamento de prestações mensais que reduzem suas capacidades de consumir produtos que lhes trariam satisfação. Infelizmente, não faz parte do cotidiano da maioria das pessoas buscar informações que as auxiliem na gestão de suas finanças

Em (C6BANK, 2020), é possível observar os dados de uma pesquisa datada de 2015 que confirma a constatação acima:

Quatro em dez brasileiros estavam inadimplentes em abril de 2015, de acordo com o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e com a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL). Isto equivale a 55,3 milhões de pessoas, ou seja, 38% da população brasileira de 18 a 95 anos, com dívidas pendentes.

Esse comportamento de endividamento excessivo pode ser justificado, entre outras causas, pela falta de uma cultura de promoção de educação financeira ainda na infância. De acordo com pesquisa<sup>1</sup> realizada no ano de 2020 pelo banco C6Bank com o objetivo de entender os hábitos monetários do brasileiro, apenas 21% dos

---

<sup>1</sup> Os resultados da pesquisa podem ser encontrados no relatório anual 2020, disponível em <https://cdn.c6bank.com.br/c6-site-docs/c6-bank-relatorio-annual-2020-por.pdf>

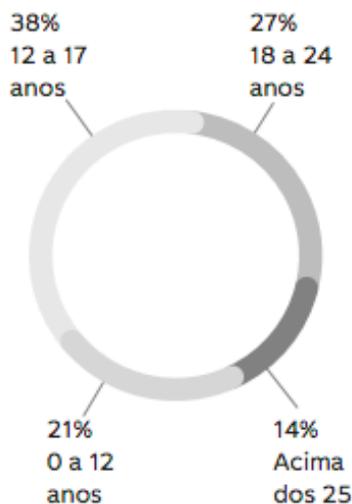
brasileiros das classes A, B e C com acesso à internet tiveram acesso à educação financeira durante a infância.

Figura 1 - Pesquisa sobre a presença da educação financeira na infância

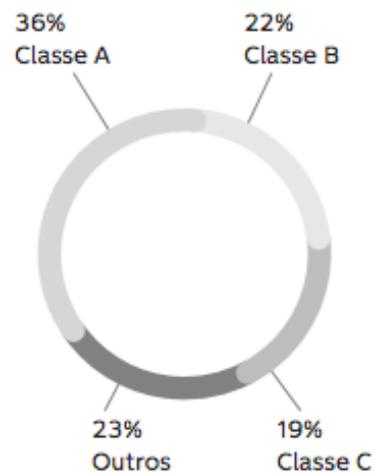
### Finanças e infância

Conduzimos uma série de pesquisas para entender os hábitos monetários do brasileiro e contribuir para o debate sobre cidadania financeira no país. Em 2020, realizamos um estudo para entender a presença da educação financeira na infância. A pesquisa ouviu 2 mil entrevistados das classes A, B e C com acesso à internet.

Idade com que os brasileiros tiveram o primeiro contato com educação financeira



Brasileiros, segundo classe social, que aprenderam noções de educação financeira na infância



Brasileiros, segundo classe social, que conversam em casa com frequência sobre o nível de renda e os gastos da família



Fonte: (C6BANK, 2020)

A educação financeira ainda na fase da infância é de suma importância para a mudança desse cenário de insatisfação e endividamento. Nas palavras de Gerbasi (2019, p. 38):

[...] não é nada interessante que nossos filhos tenham que se tornar adultos para só então começarem a se preocupar com ideias e ferramentas que serão cruciais para o equilíbrio de sua vida adulta, incluindo os instrumentos de educação financeira [...]

Embora essa conscientização já venha crescendo na sociedade, como mostra a recente inclusão do tema no currículo de matemática da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) em 2019 e a consequente obrigatoriedade no currículo do ensino fundamental em 2020, é necessário que essa preocupação seja de competência não só da escola, mas também da família, e que seja adequada ao desenvolvimento cognitivo da criança.

Dado o exposto, entende-se que uma preocupação com a educação financeira no contexto familiar pode complementar a educação escolar e trazer benefícios como: o futuro equilíbrio das finanças pessoais, a preparação para enfrentamento de desequilíbrios financeiros futuros e a preocupação com planejamento de aposentadoria. Como consequência, a formação de indivíduos preparados e seguros para lidar com sua vida financeira e contribuir com a economia do país.

## 1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema a área de finanças pessoais, com foco na educação financeira no período da infância. Para tanto, busca verificar a contribuição do contexto familiar na formação do conhecimento financeiro em crianças menores de 16 anos.

## 1.3 PROBLEMA

Ainda que a conscientização sobre a importância educação financeira esteja crescendo no Brasil, considerando o exposto na introdução, pode-se perceber que a sociedade não está ainda habituada a lidar adequadamente com suas finanças. Há a consciência de que essa situação pode ser melhorada através da educação financeira de nossas crianças, ainda em tenra idade. Assim, o presente trabalho busca responder ao seguinte questionamento: como as famílias estão contribuindo para a formação do conhecimento financeiro de suas crianças?

## 1.4 OBJETIVOS

### 1.4.1 Objetivo geral

Tendo presente a questão de pesquisa, o objetivo geral deste estudo é analisar que instrumentos estão sendo utilizados pelos pais ou responsáveis para colaborar na formação do conhecimento financeiro de seus filhos menores de 16 anos.

### 1.4.2 Objetivos específicos

Para consecução do objetivo geral definido, são propostos os seguintes objetivos específicos:

a) realizar revisão bibliográfica sobre conceitos financeiros adequados para abordagem em crianças de até 16 anos considerando seu estágio cognitivo de desenvolvimento, bem como ferramentas que podem ser utilizadas como facilitadoras da formação de tais conhecimentos financeiros por parte de pais ou responsáveis;

b) identificar os conceitos e ferramentas utilizadas pelas famílias participantes do estudo para contribuir com a formação do conhecimento financeiro dos seus filhos e se os mesmos são adotados dentro do estágio de desenvolvimento cognitivo adequado;

c) analisar as famílias participantes do estudo e verificar se as mesmas reconhecem a importância da educação financeira não somente na escola, mas também no contexto familiar;

## 1.5 JUSTIFICATIVA

O presente estudo tem como finalidade realizar um estudo de caso para traçar um panorama de como o assunto da educação financeira tem sido abordado no contexto familiar, considerando famílias com crianças até 16 anos de idade.

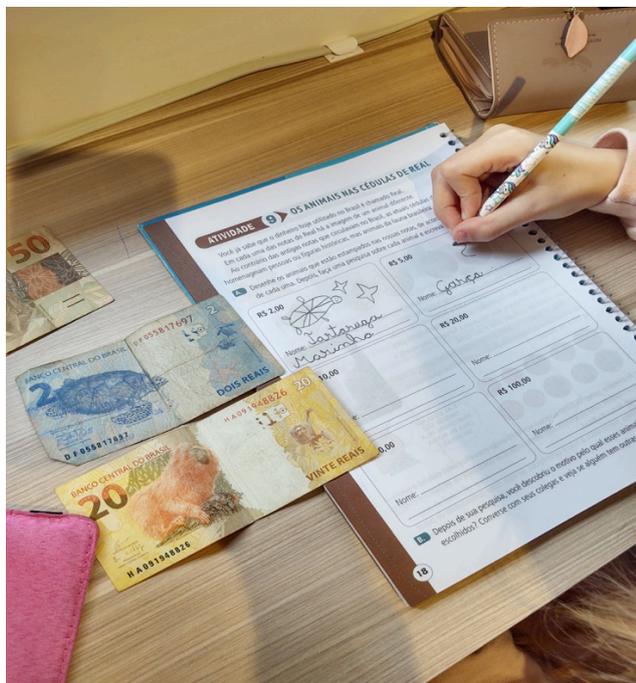
A maior justificativa para a realização do estudo se encontra na recente adoção da educação para o consumo e da educação financeira e fiscal como tema transversal dentro da BNCC (desde o ensino fundamental), salientando o movimento

de facilitar o acesso ao assunto de finanças ainda na fase escolar (Figura 2). Cabe salientar que, apesar de adoção obrigatória, a BNCC (BRASIL, 2018, p.20) coloca a adoção do tema de forma ampla:

Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada.

A possibilidade de que cada escola adote o tema de acordo com suas especificidades reforça ainda mais a importância do contexto familiar na educação financeira das crianças. Como menciona Gerbasi (2019, p. 39): “[...] o papel da escola é fornecer uma estrutura de conhecimento. Ajudar os filhos a aplicá-la à vida é papel dos pais, fazendo ligações do conteúdo aprendido com situações do dia a dia, da televisão e da família [...]”.

Figura 2 - Criança realizando atividade escolar sobre educação financeira



Fonte: Arquivo da autora

O tema proposto no trabalho, portanto, é bastante atual e relevante na área da contabilidade já que conceitos de contabilidade são importantes para uma adequada gestão de finanças. No livro “Cartas aos Estudantes de Contabilidade”, o professor José Carlos Marion escreve particularmente sobre como iniciar crianças e jovens em conceitos de contabilidade. Segundo ele:

A Contabilidade está para a nossa saúde financeira, assim como a Medicina está para a nossa saúde física e emocional. Para se ter saúde financeira, é preciso entender e aplicar conhecimentos relativos a ativo, passivo, fluxo de caixa, orçamento etc. Para entender esses conceitos, não há necessidade de pré-requisitos, idade mais amadurecida ou vocação para negócios. Todos podem entender (IUDÍCIBUS; MARTINS; MARION, 2020, p.157).

Outro fator que corrobora para a relevância da pesquisa é de que o tema também já foi explorado em outros trabalhos acadêmicos como Souza (2012) que realiza uma pesquisa mais teórica sobre a importância da educação financeira infantil e outros autores como Weber (2016), que explora o conhecimento do tema em contextos mais limitados, realizando pesquisas de campo com alunos do ensino médio.

Complementando a relevância da presente pesquisa, pode-se citar o trabalho de Manfredini (2007) que investiga, no campo da psicologia clínica, o processo de educação financeira dos filhos em famílias de classe média no interior de São Paulo. A pesquisa apresentada pelo autor acima citado mostra, como sugestões de trabalhos futuros complementares, a busca pelas técnicas que podem ser utilizadas por famílias para que esse processo de educação financeira infantil ocorra:

“É possível apontar alguns questionamentos para pesquisas posteriores: Como se dá o processo de lidar com o dinheiro nas famílias pertencentes à fase adolescente do ciclo vital da família? [...] Quais técnicas os pais podem utilizar para educar financeiramente as crianças entre 3 e 12 anos de idade? [...]” (MANFREDINI, 2007, p. 145)

Em suma, o trabalho aqui proposto busca explorar como a educação financeira acontece no seio familiar, em uma perspectiva mais concreta, considerando também as técnicas e ferramentas utilizadas pelas famílias e se as mesmas são aplicadas de forma adequada considerando o desenvolvimento cognitivo da criança. Dessa forma, entende-se que a educação financeira no seio familiar se mostra um complemento da escola para formar cidadãos mais preparados para lidar com suas finanças pessoais em sua vida futura.

## 1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está estruturado em 4 capítulos, além da introdução, que são organizados da seguinte forma:

- O capítulo 2 apresenta uma revisão bibliográfica sobre os temas relevantes à pesquisa, abordando a questão dos conceitos financeiros que podem ser ensinados para as crianças, além de ferramentas que podem ser utilizadas para a aprendizagem de tais conceitos em cada estágio do desenvolvimento cognitivo. Também apresenta as principais dificuldades encontradas pelos pais quando se comprometem por educar financeiramente seus filhos.
- O capítulo 3 discute a metodologia da pesquisa realizada, apresentando a classificação da pesquisa e discutindo seus procedimentos e limitações.
- O capítulo 4 compreende a análise dos dados coletados na pesquisa, evidenciando não só seus resultados, mas também traçando um paralelo com os conceitos teóricos abordados na revisão bibliográfica.
- O capítulo 5 trata das considerações finais sobre o trabalho, revisando e considerando os objetivos do mesmo.

Por fim, o trabalho se encerra com a listagem das referências bibliográficas e demais elementos pertinentes.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar literatura sobre o desenvolvimento cognitivo infantil e sua relação com a educação financeira, através da exploração de diferentes conceitos e ferramentas que podem ser utilizados para este fim.

### 2.1 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SEGUNDO PIAGET

O desenvolvimento cognitivo é uma área da neurociência que se preocupa em estudar o modo como ocorrem os processos de desenvolvimento da aprendizagem, pensamento e capacidade de compreensão de uma pessoa. Em se tratando do desenvolvimento infantil, uma referência importante da área é Jean Piaget que buscou compreender os processos fundamentais do desenvolvimento da inteligência. Para Pádua (2009, p.22):

Jean Piaget ganhou notoriedade como psicólogo infantil, mas não era à criança que sua atenção científica estava voltada; sua preocupação era pela capacidade do conhecimento humano e pelo seu desenvolvimento. E como, na sua visão, a criança é o ser que mais notoriamente constrói conhecimento, suas pesquisas e observações voltaram-se para a construção e aquisição de conhecimento pelos homens na idade infantil e na adolescência.

Através de estudos experimentais, Jean Piaget desenvolveu sua teoria, chamada epistemologia genética, que coloca que o conhecimento é gerado através de uma interação do sujeito com seu meio, a partir de estruturas existentes no sujeito. Para Piaget, o processo de desenvolvimento humano tem o equilíbrio como conceito fundamental pois todo o ser vivo precisa viver em equilíbrio com o meio ambiente para sobreviver. O ambiente, por sua vez, apresenta constantemente situações que causam o desequilíbrio necessário para o avanço do desenvolvimento, ou seja, o ambiente apresenta situações desafiadoras ao indivíduo, novas e conflitantes.

O indivíduo age apenas ao experimentar uma necessidade, ou seja, se o equilíbrio entre o meio e o organismo é rompido momentaneamente; neste caso, a ação tende a reestabelecer o equilíbrio, isto é, precisamente a readaptar o organismo. (PIAGET, 2013; p.26)

Assim, como o autor coloca, o indivíduo só age se sentir uma necessidade, (se o equilíbrio entre o ambiente e o organismo estiver momentaneamente perturbado). A ação tende a restabelecer o equilíbrio, readaptando o organismo. Como consequência, para se reequilibrar, o sujeito se utiliza de mecanismos próprios fundamentais, como, por exemplo, através da assimilação (que se manifesta quando o organismo, sem se alterar, procura significado, a partir de experiências anteriores, para compreender um novo conflito) e da acomodação (quando o organismo tenta restabelecer o equilíbrio com o meio através de sua transformação).

Entretanto, embora a assimilação e a acomodação sejam processos diferentes, ambos ocorrem simultaneamente na resolução dos conflitos. A colocação de Pádua (2009, p. 34) resume bem o processo:

Independentemente do estágio em que os seres humanos se encontrem a aquisição de conhecimentos, segundo Piaget, acontece por meio da relação sujeito/objeto. Esta relação é dialética e se dá por processos de assimilação, acomodação e equilibração. O dinamismo da equilibração acontece através de sucessivas situações de equilíbrio - desequilíbrio - reequilíbrio que visam, por assim dizer, "dominar" o objeto do conhecimento.

Logo, Piaget coloca que o conhecimento é gerado através da interação de um sujeito com o meio. Esse conhecimento, por sua vez, acontece a partir de estruturas existentes no próprio sujeito onde as habilidades são adquiridas de maneira cumulativa. Em sua teoria, Piaget divide o desenvolvimento cognitivo em estágios sucessivos: sensório-motor, pré-operacional, operacional-concreto e operacional formal. Segundo o autor, todas as crianças passam pelos 4 estágios cognitivos, independente da cultura em que vivem e, como consequência, as habilidades adquiridas nos estágios anteriores são essenciais para os estágios posteriores. Pádua (2009) coloca:

A grande preocupação da Epistemologia Genética é explicar a ordem de sucessão em que as diferentes capacidades cognitivas se constroem. O fato da formação de capacidade cognitiva acontecer em períodos sucessivos decorre, principalmente, de que as competências que vão sendo adquiridas pelo sujeito ao longo de sua vida, pressupõem outras que lhes são anteriores.

O quadro 1 ilustra resumidamente as particularidades de cada estágio.

Quadro 1 - Resumo dos estágios de desenvolvimento segundo Piaget

Fases do Desenvolvimento Cognitivo		
Estágio	Idade aproximada	Características
Sensório-Motor	0-2 anos	Inteligência inata. Conhecimento baseado no sentido e habilidades motoras. Noção de permanência do objeto.
Pré-Operacional	2-7 anos	Egocentrismo. Representações mentais internas. Faz de conta. Jogo simbólico.
Operacional-Concreto	7-11 anos	Lógica das operações (ainda limitada). Abstração em desenvolvimento. Conceito de reversibilidade.
Operacional-Formal	12-16 anos	Lógica dedutiva. Raciocínio abstrato. Estruturas cognitivas em elevado nível de desenvolvimento.

Fonte: Elaborado pela autora com base em (PIAGET, 2013)

### 2.1.1 Estágio 1: Sensório-Motor

O estágio sensório-motor tem seu início no próprio nascimento da criança e se estende até aproximadamente os 2 (dois) anos de idade. Nesse estágio o bebê ainda não é capaz de se diferenciar do mundo mas vai, aos poucos e no plano prático, compreendendo sua existência e a do mundo a partir de uma organização dos seus movimentos e da sua percepção, construindo, então, novas estruturas mentais.

Para Piaget, há uma inteligência inata para lidar com o ambiente de forma espontânea e o pensamento é a inteligência interiorizada que não se utiliza da ação direta no objeto, mas em imagens mentais, no simbolismo, na abstração. Assim, a experiência com os objetos, realizada via recursos da inteligência inata da criança (por exemplo, a sucção), é necessária e imprescindível para se construir o pensamento, ou seja, para que a criança consiga simbolizar, representar e efetivamente pensar sobre algo.

Cabe salientar que este é um estágio onde há extraordinário desenvolvimento mental da criança e também um estágio decisivo para toda evolução do sujeito. Nesse período, a criança consegue apenas conceber o momento presente e é

essencialmente individual. Sua descoberta acontece de dentro para fora, partindo do corpo e do que pode ser sentido para o que pode ser visto, ouvido ou tocado.

Um dos aprendizados mais marcantes da fase é a noção de permanência de um objeto, mesmo que não se possa vê-lo. Essa simples noção requer da criança a capacidade de formar uma representação mental dos objetos, que ocorre através de seus recursos inatos.

Esse estágio também tem como característica o início do desenvolvimento da linguagem, através da “lalação” espontânea (que ocorre comumente entre os 6-11 meses), seguida pela fase da diferenciação de fonemas por imitação (que ocorre comumente entre os 11-12 meses), passando para a fase da construção de palavras-frases capazes de exprimir emoções e desejos. Ao final do segundo ano de vida, portanto, a criança começa a ser capaz de falar frases uma ou duas palavras já manifestando seus desejos internos. Na teoria de Piaget, a aquisição da linguagem é fator fundamental para o desenvolvimento da inteligência já que é a partir dela que a criança adquire a função simbólica, empregando símbolos para representar objetos.

### **2.1.2 Estágio 2: Pré-Operacional**

O estágio pré-operacional acontece, aproximadamente, entre os 2 e os 7 anos de idade. Dentro desse estágio, a criança ainda percebe o mundo de acordo com suas experiências individuais, tendendo a se colocar no centro de todas as situações que vive (egocentrismo). Ela apresenta dificuldade de cooperar e se colocar no lugar do outro pois considera que as pessoas existem e funcionam em torno dela própria.

Esse estágio pode ser dividido em dois momentos: o pré-conceitual (que ocorre entre os 2 e 4 anos) e o pensamento intuitivo (que ocorre entre os 4 e 7 anos).

O primeiro momento, pré-conceitual, se caracteriza pelos seguintes comportamentos: (i) animismo (a criança atribui características psicológicas a objetos e fenômenos naturais); (ii) realismo (a criança estende seu ponto de vista a todos os pontos de vista); (iii) artificialismo (a criança torna artificial aquilo que é natural, pois crê que tudo que existe foi pensado ou feito por alguém) e (iv)

egocentrismo (a criança tem a tendência de relacionar o que acontece aos seus sentimentos e ações).

O segundo momento, pensamento intuitivo, se caracteriza por comportamentos como: (i) a centração (para dar uma resposta, a criança observa apenas um aspecto da situação); (ii) O raciocínio transdutivo (raciocínio do particular para o geral, sem rigor lógico); (iii) a dificuldade de transformação (a criança apresenta pensamento estático, ou seja, está sempre no presente); (iv) o sincretismo (a criança não é capaz de separar diferentes aspectos de uma situação e tenta explicar os fatos misturando realidade e fantasia); (v) dificuldade de classificação (a criança apresenta dificuldade de distinguir classes de objetos ou situações) e (vi) a dificuldade de seriação (a criança apresenta dificuldade de ordenar ou criar séries)

O processo de aquisição da linguagem se encontra desenvolvimento, mas ainda há a fala egocêntrica no início do estágio, que é caracterizada por uma ausência de comunicação propriamente dita. Mesmo na presença de outras pessoas, não há por parte da criança uma intenção de comunicação. Inicialmente a fala é marcada pelos chamados monólogos coletivos onde a criança simplesmente diz o que está em sua mente, não se importando com o que o outro diz. A fala vai se transformando em socializada apenas a partir do ponto em que a criança tem necessidade maior de se comunicar. Entretanto, através do aparecimento da linguagem, a criança sofre uma modificação do comportamento afetivo e intelectual, passando a desenvolver sentimentos de simpatia, antipatia e respeito, por exemplo, mudando um pouco sua percepção de mundo.

Outro aspecto importante da fase é o desenvolvimento de representações mentais internas, que servem de alicerce para o futuro desenvolvimento do raciocínio lógico. Se é no final do estágio sensório-motor que a atividade representativa acontece, no estágio pré-operacional essa representatividade ganhar força. Dessa forma, a criança passa a conseguir imaginar, o que permite a personificação de objetos em brincadeiras e a criação do “faz-de-conta”.

Em resumo, o estágio é marcado pelo jogo simbólico, que dá ao sujeito a capacidade de representar, criar e de se auto expressar. Há também a evolução da expressão gráfica: a criança, que no período sensório-motor apenas explorava prazerosamente os movimentos sobre os objetos, agora passa a gradualmente descobrir a relação entre o desenho, o pensamento e a realidade. Por fim, ocorre o

início das habilidades de conservação, classificação e agrupamento, que ainda são realizadas com dificuldade.

### **2.1.3 Estágio 3: Operacional-Concreto**

O estágio operacional-concreto acontece, aproximadamente, entre os 7 e os 11 anos de idade. O estágio é caracterizado pelo declínio do egocentrismo e a criança passa a ser capaz de ver o mundo pela perspectiva de outra pessoa. Ela torna-se, portanto, capaz de cooperar e coordenar diferentes pontos de vista, não confundindo mais o seu ponto de vista com o dos outros. A criança começa a buscar o processo de autonomia e também começa o desenvolvimento do senso moral e de um código de valores. Nesse estágio, o real e o imaginário já não são tão facilmente confundidos, ou seja, não se misturam tanto em sua percepção.

Além disso, ela passa a desenvolver a capacidade de argumentação e inicia os processos de pensamento lógico. A criança passa a realizar a aquisição de uma lógica das ações mentais (operações), ainda bastante limitada. A criança maneja mentalmente as representações, mas ainda apresenta dificuldade com conceitos mais abstratos. Observa-se a necessidade do referencial do que pode ser manipulado e observado para a construção lógica da realidade.

Dessa forma, a criança passa a resolver problemas concretos a partir da utilização da lógica, mas a abstração ainda está em desenvolvimento. É a fase da construção de regras e estratégias para a compreensão do mundo, ou seja, é o estágio da lógica e da matemática. Ela é capaz de classificar, seriar, construir noções de conservação física de substância, quantidade, volume, peso e área. Há uma maior compreensão do conceito de número e sua possível representação de dados da realidade.

### **2.1.4 Estágio 4: Operacional-Formal**

O estágio operacional-formal acontece, aproximadamente, entre os 12 e os 16 anos de idade. O estágio é caracterizado pelo período de transição para a adolescência e no pensamento embasado na lógica dedutiva. É a fase em que a criança já consegue realizar raciocínio abstrato em que as deduções lógicas podem ocorrer sem o apoio de objetos concretos.

A criança, nessa fase do desenvolvimento, pode raciocinar, deduzir e hipotetizar a partir de proposições verbais. Consegue também refletir a partir do ponto de vista do outro.

No aspecto social, a criança apresenta forte tendência à autonomia e procura legitimar regras e refletir sobre elas. Há o pensamento e a formação de opiniões sobre a sociedade e a sua relação nela enquanto indivíduo.

Ao final do estágio operacional-formal, a criança se encontra com as estruturas cognitivas em elevado nível de desenvolvimento, permitindo a busca de soluções a partir de hipóteses e não apenas da observação concreta da realidade.

## 2.2 CONCEITOS NORTEADORES DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL

Através do que foi apresentado na seção anterior, pode-se perceber que o desenvolvimento cognitivo infantil é constante e caracterizado por diferentes estágios de desenvolvimento. Por conseguinte, tais estágios devem ser respeitados quando da adoção de diferentes métodos e instrumentos (ferramentas) de educação financeira que podem ser utilizados para a educação das crianças.

Entretanto, indiferente do estágio do desenvolvimento infantil, a literatura especializada apresenta quanto conceitos fundamentais, que devem servir como norteadores de todo o processo de aprendizagem dentro da área. D'Aquino (2014) e Costa (2019) colocam que o processo de educar as crianças para lidar com dinheiro deve abarcar quatro grandes conceitos norteadores (áreas): como ganhar, como poupar, como gastar e como doar. A seguir, detalha-se cada um desses conceitos.

### 2.2.1 Como ganhar

Lidar com dinheiro é uma habilidade necessária a ser desenvolvida pelo ser humano e, portanto, ganhar dinheiro é uma habilidade inerente ao processo. A principal razão em se ter o conceito de ganhar dinheiro como norteador no processo de educação financeira infantil está embasada mais na construção de valores do que na ação propriamente dita. Considerando a teoria de Piaget (apresentada na seção 2.1), pode-se perceber que o conceito de senso moral e código de valores

começa a se formar no estágio operacional-concreto, que se inicia por volta dos 7 anos de idade.

À vista disso, os pais podem ensinar ao filho o cultivo dos valores do trabalho e da importância da formação. Em se tratando de formação, é interessante ensinar às crianças a importância de buscar constantemente aumentar seus conhecimentos e aperfeiçoar suas habilidades nas mais diversas áreas da vida.

Embora não existam ferramentas específicas para transmitir valores morais aos filhos, a abordagem dos conceitos de trabalho e da formação são capazes de impactar a relação dos filhos com o dinheiro no futuro. Segundo D'Aquino (2014, p. 16): “o modo como manejamos hoje nossa vida financeira foi em larga escala construída a partir do que ouvimos; do que deixamos de ouvir; do que vimos ou deixamos de ver nossos pais fazerem ou dizerem a respeito do dinheiro”

A mesma autora coloca como estratégia para que o conceito de como ganhar dinheiro possa ser ensinado aos filhos, a adoção dos seguintes comportamentos:

- Ensinar, de forma lúdica, o que os pais fazem quando saem para trabalhar, na medida do crescimento da sua compreensão;
- Procurar não falar mal do trabalho de forma constante na frente da criança: os pais devem buscar um equilíbrio entre a realização pessoal que se pode obter através do trabalho e as dificuldades encontradas durante sua realização.

### **2.2.2 Como gastar**

O conceito norteador de como gastar dinheiro é extremamente importante pois sua essência reside em ensinar a criança a fazer escolhas conscientes de consumo no seu futuro. Cada vez mais se observa na sociedade um consumo excessivo com conseqüente endividamento, não somente entre as crianças, mas também entre a população adulta. Em sua tese de doutorado, Pereira (2018, p. 23) discorre sobre o desenvolvimento da sociedade do consumo e da produção em massa:

“Esse novo modelo de sociedade é a sociedade do consumo, que tem como característica, além da abundância de produção em série cada vez mais amparada pela tecnologia aplicada, uma infinidade de possibilidades de consumo além do estudo e desenvolvimento de mercado consumidor e do marketing, que colaboram para a dinamização e indução ao consumo. “

A consequência desse atual modelo de consumo vai muito além de escolhas inconscientes: muitos pais, mesmo sem perceber, endividam-se para satisfazer os desejos dos filhos, movidos pelo sentimento de culpa de compensar a sua ausência, associando, para as crianças, o conceito de amor ao conceito de consumo.

Além disso, se não houver a preocupação de ensinar aos filhos como consumir de forma consciente, as consequências no futuro podem levar a uma valorização errada de sua própria identidade, em que o que se tem passa a ser mais importante do que o que se é. Conforme coloca D'Aquino (2014, p. 11): "Essa distorção da identidade, em que se pretende convencer aos outros de quem se é a partir do que se consome ajuda a explicar os saldos bancários estourados no mundo afora e, muito especialmente, aqui no nosso Brasil"

### **2.2.3 Como poupar**

O conceito norteador de como poupar dinheiro está ligado ao conceito da maturidade financeira, ou seja, a capacidade de adiar os desejos de agora visando atingir futuros benefícios. A maturidade financeira deve ser ensinada já que não se trata de algo natural ao ser humano. A natureza humana tende a buscar satisfação imediata para os seus desejos e necessidade (D'AQUINO, 2014).

Em se tratando de educação financeira infantil, o processo de ensinar a poupar é longo pois a noção de tempo não é uma noção concreta e só passa a ser vivenciada em estágios mais tardios do desenvolvimento cognitivo. Assim, nos primeiros estágios de desenvolvimento é necessário que a criança aprenda a se acostumar com a espera, diminuindo a necessidade de imediatismo que nasce com elas.

### **2.2.4 Como doar**

O conceito norteador de como doar dinheiro está relacionado à construção de valores fundamentais para a vivência em sociedade. D'Aquino (2014, p.19) enfatiza a importância desse conceito norteador quando escreve:

Acima de tudo, é essencial ensinar às crianças que o ganho e o uso do dinheiro devem ser obrigatoriamente regulados pelos preceitos da ética e da responsabilidade social. Sem essa condição precípua, nada mais do que seja ensinado em relação ao dinheiro faz sentido ou vale realmente a pena.

A doação, na educação financeira, ajuda a entender e reforçar também os outros três conceitos norteadores previamente descritos, além de ajudar na compreensão de diferentes conceitos relacionados: diferenças de riquezas, valor e escolhas e de que forma sua doação pode impactar a sociedade. Pereira (2018, p.29) apresenta uma reflexão importante sobre o assunto:

Sabemos que desde a tenra idade as crianças aprendem hábitos de consumo e por isso deveria haver, por parte de quem as educa, uma preocupação com os conhecimentos, valores e comportamentos ensinados e aprendidos. Seria importante que fossem instigadas a descobrir que cada uma de suas ações tem impacto no coletivo, e que fossem orientadas para o consumo necessário. Antes de serem apresentadas ao mundo do consumo, elas também deveriam aprender valores essenciais à sobrevivência da humanidade tais como a solidariedade, o senso de responsabilidade com o bem comum, da valorização da essência e significados das relações, o amor próprio e o respeito ao próximo e ao meio em que vivemos.

Dessa forma, pode-se entender a doação como algo que, além de ajudar na construção de valores, contribui para o coletivo. Quando é possível perceber a necessidade do próximo e fazer algo para supri-la, também é feita uma escolha. Doar passa a ser um ato de entrega, visando um retorno não só para si, mas para todo o coletivo.

### 2.3 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PAIS

A educação financeira na infância ainda não é algo que acontece de forma concreta nas famílias brasileiras, atitude em grande parte justificada pela falta de estabilidade econômica que o país enfrentou por algum tempo. Conforme coloca D'Aquino (2014, p. 13):

[...] uma consequência herdada do período de inflação foi a ausência de uma educação financeira sólida na nossa formação. E, como não aprendemos, precisamos agora nos esforçar em dobro para ensiná-la aos nossos filhos”

Assim, o desenvolvimento da educação financeira nas famílias é permeado por dificuldades enfrentadas pelos pais, que, não especialistas no assunto, precisam entender quando iniciar a educação financeira das crianças e de que forma podem conduzir todo o processo.

### 2.3.1 O início da educação financeira infantil

Quando iniciar a educação financeira no seio familiar é uma dúvida comum relatada na literatura. Segundo o pensamento de D'Aquino (2014), a educação financeira já pode ser iniciada informalmente quando a criança ainda é um bebê, na medida em que, aos 4 meses, seus sentimentos de urgência para aplacar fome, sede, sono ou dor já não são totais, urgentes e absolutos.

Nesse panorama, a autora coloca que os pais já podem caminhar no sentido de iniciar os alicerces da educação financeira, através do conceito da espera, quando, ao acolherem o bebê que chora, podem deixar que um ou dois minutos se passem, acalmando o bebê com afeto e com palavras que expressem o que vai acontecer em seguida (mamar, trocar, etc.), mas sem realizar de forma urgente a ação.

Levar o bebê a se acostumar a esperar para conseguir o que deseja – uma arte que muitos reféns do cheque especial e do cartão de crédito não conseguem jamais exercitar na vida adulta – é apenas uma das razões pela qual recomendo esse “tempo de espera”. (D'AQUINO, 2014, p.22)

Santos (2014) escreve que a fase inicial da infância, é caracterizada pela falta de discernimento para quantificar o valor financeiro do dinheiro. Nessa primeira fase infantil, as crianças entendem o dinheiro como algo que não é problema, estando sempre disponível. Basta pedir alguma coisa que os pais conseguem atender, usando ou não dinheiro. Entretanto, nessa fase as crianças se encontram em pleno aprendizado e que a educação financeira já pode estar presente, ainda que não de forma formal ou através de ferramentas estruturadas, mas de atitudes da família.

Nas palavras de Gerbasi (2019, p. 161):

Não há uma idade específica para que os diferentes assuntos relacionados às finanças da família surjam nas conversas com os filhos. Na verdade, boa parte deles surgirá naquela fase de grande interação e questionamento dos filhos, entre os 5 e 10 anos de idade. Contudo, alguns temas serão mais candentes do que outros em diferentes momentos, dependendo da exposição dos filhos às provocações externas.

Ante o exposto, observa-se que o início da educação financeira não é marcado por uma idade específica. Na cartilha com sugestões para os pais a respeito da educação financeira de seus filhos, elaborada pela câmara dos deputados, encontra-se o seguinte trecho:

Na realidade a criança não precisa atingir uma idade específica para que os pais comecem a falar sobre o assunto, cada família possui um estilo de vida e um jeito de lidar com dinheiro. Respeitado isso, os pais decidirão o momento certo para iniciar essa maravilhosa aventura. O mais importante é que seja feito de forma prática, simples e tranquila, aproveitando as oportunidades do dia a dia. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2011)

Portanto, como o seu alicerce é baseado na observação das atitudes dos pais, a educação financeira pode ser iniciada em qualquer idade, ainda que de uma forma mais informal, através do aprendizado de determinados comportamentos que servirão de base para assimilação futura dos conceitos norteadores. Em uma fase posterior, a introdução da educação financeira mais formal e com a utilização de ferramentas adequadas, servirá para a consolidação dos comportamentos e assimilação dos conceitos previamente trabalhados.

### 2.3.2 Atitudes fundamentais para condução do processo

Em se tratando de como educar os filhos financeiramente, Santos (2014, p.4) escreve:

No ambiente familiar, os pais não podem esquecer que a importância que atribuem ao dinheiro possivelmente será a importância que seus filhos atribuirão. Por isso, precisam passar o exemplo do respeito e da responsabilidade que se deve ter com o dinheiro.

A citação do autor mostra que a educação financeira é um processo que deve ser embasado no exemplo e nas atitudes. Gerbasi (2019) elenca uma série de atitudes (apresentadas no quadro 2) que devem ser adotadas para guiar o processo de educação financeira dos filhos.

Quadro 2 - Atitudes recomendadas para educar os filhos

<b>Atitude – como proceder</b>	<b>Efeito – como aprendemos</b>
Ensine todos os dias	Aprendemos por repetição
Ensine com diversão	Aprendemos por prazer
Ensine pelo exemplo	Aprendemos por inspiração
Ensine com justiça	Aprendemos por obrigação moral
Ensine com humildade	Aprendemos também quando ensinamos
Ensine com carinho	Aprendemos por amor

Fonte: Elaborado pela autora com base em (GERBASI, 2019)

É importante destacar que, apesar do autor ter grande parte de sua obra focada em finanças, o mesmo coloca que essas atitudes não são focadas apenas na educação financeira, mas sim no papel dos pais enquanto agentes de aprendizado no decorrer de toda a vida dos filhos, ou seja, considerando os mais diversos contextos.

O papel dos pais não é mais o de ensinar. É de apresentar às crianças e jovens os melhores meios de acesso à informação e alertá-los sobre as armadilhas da vida. É pavimentar o caminho para que eles aprendam a aprender[...] (GERBASI, 2019, p. 86)

Em se tratando de educação financeira, o autor ilustra a importância da adoção de tais comportamentos, uma vez que o assunto gradualmente vem se inserindo nas famílias, principalmente através de sua popularização. A educação financeira é um assunto complexo e a abordagem de ensino, quando da adoção de tais atitudes de forma consistente, pode facilitar o processo.

O quadro 3 exemplifica duas das atitudes propostas e o impacto na educação financeira no contexto familiar, através de citações do autor.

Quadro 3 - Atitudes corretas e os impactos na educação financeira infantil

Atitude	Citação
Ensine com diversão (associando conceitos de educação financeira com atividades que interessem aos filhos, por exemplo)	“Muitos filhos não demonstram muito interesse em sentar à mesa com os pais para discutir os gastos da família. Mas a postura certamente será outra se o objetivo da reunião em família for um debate sobre as próximas férias ou sobre um passeio de fim de semana. “ (GERBASI, 2019, p.90)
Ensine com justiça (entendendo que a percepção de uma criança difere da de um adulto, por exemplo)	“[...] as ingênuas preocupações infantis são muito intensas e marcantes. Na percepção de um adulto, são tempestade em um copo d’água. Se uma criança diz que quer determinado brinquedo a um desatento pai que lê o jornal e ele responde que o comprará no fim de semana, é provável que essa criança não durma, esperando o dia prometido” (GERBASI, 2019, p.95)

Fonte: Elaborado pela autora com base em (GERBASI, 2019)

Além da adoção de atitudes e comportamentos que facilitem o aprendizado, deve-se atentar para o fato de que a educação financeira não deve acontecer

apenas no período em que as finanças da família passam por instabilidade. Nesse contexto, D'Aquino (2014, p.31) salienta:

Nossa primeira dificuldade em relação a estabelecer modelos adequados no tocante às finanças começa na maneira como falamos sobre o assunto com os filhos. No mais das vezes, a preocupação em conversar com a prole em relação aos gastos surge nos piores momentos”

A autora coloca que, muitas vezes, os pais não adotam uma atitude constante e decidem falar sobre dinheiro com os filhos somente no período das “vacas magras” onde tudo é motivo para tensão e brigas, não proporcionando, portanto, um bom ambiente de aprendizado.

Nesse contexto, podem vir a surgir frases acusatórias na família, como: “Eu me mato de trabalhar e vocês não dão valor a nada” ou “Agora vocês vão aprender o valor do dinheiro”. Tais frases, na opinião da autora, não ajudam na educação e somente geram culpa e medo em crianças menores. Em crianças maiores, pode ocorrer uma atitude de fechar-se ao aprendizado.

## 2.4 FERRAMENTAS

O objetivo dessa seção é o de apresentar ferramentas que podem ser utilizadas para o ensino mais formal da educação financeira infantil, sem fazer uma relação com o estágio de desenvolvimento cognitivo da criança. Uma discussão mais aprofundada sobre a adoção das ferramentas e o estágio cognitivo infantil são apresentados na seção 2.5.

### 2.4.1 Dinheiro

O dinheiro pode ser interpretado como a principal ferramenta formal de educação infantil já que representa o ponto de partida para a busca da educação financeira. Saber lidar com dinheiro se inicia, antes de tudo, pelo entendimento do seu aspecto físico, suas características, seu correto manuseio e armazenamento, sua conservação e seu valor.

Como ferramenta, pode ser utilizado através da exploração de suas diferentes formas e materiais (notas e moedas), tamanho, cor e valor.

### 2.4.2 Cofrinho

O cofrinho é uma ferramenta interessante não só como complemento ao ensino do manuseio e correto armazenamento do dinheiro, como também como uma das principais ferramentas para o ensino do conceito de como poupar dinheiro.

Através do armazenamento do dinheiro em um cofrinho, a criança começa a entender os conceitos de espera e a relação com o consumo consciente. A criança o utiliza para armazenar dinheiro que recebe e, dessa forma, entende que o dinheiro pode ser armazenado para a satisfação de um desejo ou uma necessidade.

Costa (2019) menciona a importância de que o cofrinho, quando utilizado como ferramenta, seja aberto algumas vezes por ano, de acordo com a capacidade de espera da criança. Também coloca que a escolha do cofrinho, em uma fase inicial, deve, de preferência, atender algumas características que conferem maior facilidade ao aprendizado: que seja possível de ser aberto sem que seja quebrado (isso permite que a criança, com a ajuda dos pais, possa manusear o dinheiro que pertence a ela quando desejar) e que seja transparente (para que a criança possa visualizar a poupança se formando).

Ainda, o autor salienta que há de se ter o cuidado de não se guardar dinheiro apenas por guardar (sem objetivos previamente definidos) ou para objetivos muito longos (fora da capacidade de compreensão temporal da criança) já que essa atitude não é benéfica do ponto de vista educacional. A criança, ao passar pelo processo de aprendizagem financeira, precisa ter objetivos de curto prazo e sempre tangíveis para que entenda o mecanismo de poupança. Nas palavras Costa (2019, p.67): “[...] questão fundamental é dar uma finalidade para a poupança, algo a ser comprado no final. A criança precisa compreender que todo esforço que ela fez teve um propósito”.

Dessa forma, os pais, ao se utilizarem do cofrinho como ferramenta de ensino, devem ajudar os filhos a encontrar objetivos satisfatórios para a idade e de tempo razoável para concretização. As poupanças de longo prazo para projetos maiores ou futuros (viagens ou faculdade, por exemplo) devem ser feitas e pensadas pelos pais, sem conhecimento da criança, e somente mais tarde as crianças podem vir a contribuir nesse contexto.

### 2.4.3 Livros e jogos

Livros e jogos constituem uma ferramenta lúdica para a educação financeira e permitem a inserção do assunto na vida cotidiana de forma interessante, curiosa e divertida, desenvolvendo afinidade com o tema.

Em se tratando da escolha de livros, deve existir uma preocupação com o conteúdo e as características da obra. Como elenca Gerbasi (2019, p.151):

Ao selecionar títulos para os seus filhos, esteja atendo não somente ao conteúdo da obra, mas também ao currículo e às atividades de seus autores. Os maiores especialistas na área exploram o tema finanças em linguagem cuidadosamente elaborada segundo critérios da pedagogia infantil, facilitando bastante o entendimento e a absorção de ideias. Evite livros que são apenas versões infantis de conteúdo produzido originalmente para adultos, pois estes tendem a seguir linhas pouco humanas e excessivamente preocupadas com o dinheiro.

Já considerando a escolha de jogos, deve existir o cuidado da escolha de jogos educativos que exploram o pensar, exigindo decisões e visando aproveitar as diferentes fases do desenvolvimento mental infantil. Jogos baseados exclusivamente na sorte tirada em uma carta (sorte e azar) não agregam na educação financeira (GERBASI, 2019).

### 2.4.4 Mesada

A mesada, que consiste em dar um valor para a criança a cada determinado período de tempo, pode ser adotada como uma ferramenta para a educação financeira. Todavia, seu uso como ferramenta não é imprescindível e nem recomendado caso os pais não possam assumir o compromisso de fazer a sua parte. Isso ocorre porque a mesada é uma ferramenta complexa e que exige comprometimento dos pais na sua adoção. Uma citação de D'Aquino (2014, p. 77) ilustra bem a preocupação com a adoção da mesada como ferramenta de ensino:

Não acho que tomada isoladamente ela seja educativa ou imprescindível para educação financeira das crianças ou adolescentes. Considero que é das práticas mais difíceis e exigentes para se levar adiante na educação dos filhos.

Diferentes autores, no entanto, colocam que a mesada, quando adequadamente utilizada, pode proporcionar benefícios, na medida em que permite

que a criança possa aprender a elaborar orçamento e definir escolhas de consumo para seu dinheiro.

Assim, a mesada não deve ser utilizada como prêmio por boa educação (em relação a comportamentos adequados), não deve ser dada como presente ou caridade (sem um acompanhamento próximo dos responsáveis com o uso do dinheiro), além de não ser interpretada como recompensa por serviços prestados (em relação ao cumprimento de tarefas domésticas). Costa (2019, p.44) mostra preocupação específica com o último comportamento:

Ao punir ou recompensar financeiramente o filho em relação às suas obrigações domésticas, os pais podem passar a impressão de que todas as nossas tarefas são remuneradas. E a verdade é de que muito do que fazemos não está ligado ao dinheiro e, sim, ao bom convívio social.

A escolha pela adoção da ferramenta pode partir do próprio desejo da criança, mas essa manifestação de desejo não deve ser sempre acatada pelos pais. Isto é, a mesada deve ser utilizada como grau de reconhecimento da responsabilidade dos filhos e os mesmos devem estar cientes disso quando passam a receber mesada. Da mesma forma, a mesada, quando imposta muito cedo e sem que a criança manifeste desejo de ter seu próprio dinheiro, pode não surtir o efeito desejado.

Costa (2019, p.30) resume qual deve ser a função primordial da mesada como ferramenta de ensino de educação financeira: “a mesada deve ter como função principal permitir que a criança conheça conceitos importantes: escolhas de consumo para seu dinheiro, definição de um orçamento e hábito de poupança”. A mesma opinião é sustentada por D’Aquino (2014, p.53): “a função primordial da mesada deve ser a de possibilitar que a criança seja capaz de ordenar um orçamento, definir escolhas para o dinheiro e desenvolver um plano de poupança”.

A opinião dos autores mostra que os pais precisam saber com clareza a razão pela qual desejam adotar a prática. Como consequência, é importante que se comprometam a manter consistência, entregando o dinheiro sempre no dia estabelecido, em montante correto e evitando fazer do dinheiro dos filhos uma espécie de banco particular, ou seja, evitando realizar empréstimos da mesada dos filhos para cobrir gastos emergenciais do dia a dia.

O valor a ser dado de mesada também requer consideração. Idealmente, o valor da mesada deve ser negociado com a criança, de forma que os pais possam

entender melhor o motivo pelo qual a criança a solicita. Em se tratando da negociação de valores, Costa (2019, p.43) coloca:

O valor deve ser suficiente para que o pequeno possa garantir uma pequena quantidade de produtos pactuados (não todos, pois é importante também aprender a fazer escolhas). A quantia também deve refletir o padrão de vida do grupo, para que eles não se acostumem a gastar mais que a sua realidade permite. Deve existir um controle, mesmo que a renda familiar permita uma mesada bem alta.

Dessa forma, o valor da mesada deve ser acordado junto com a criança para que cubra seus gastos fixos e necessários (o lanche da escola, por exemplo), alguns pequenos gastos mais imediatos de desejo da criança (figurinhas para um álbum, por exemplo) e um valor destinado a poupança para que a criança possa atingir objetivos de consumo maiores, adequados para sua idade e escolhido com ajuda de seus pais.

Para que a criança possa aprender a elaborar um orçamento através da mesada, é imprescindível que os pais, ao entregar o dinheiro, tenham o hábito de reforçar a destinação dos valores previamente acordados. Para isso, podem adotar a entrega em envelopes distintos, ou acompanhar a criança na separação e armazenamento do dinheiro. Gerbasi (2019, p.69) escreve: “A elaboração de um orçamento, que parece algo complexo à primeira vista para um adulto, será algo natural na vida de uma criança se seus pais ajudarem a separar verbas para cada objetivo”.

A criança também deve ser estimulada a anotar seus gastos imediatos e o valor que já foi poupado, como forma de entender se está perto ou longe de seus objetivos ou se está gastando mais no lanche do que pode, por exemplo. A atitude de anotar os gastos, contudo, tem como objetivo apenas habituar a criança a compreender a importância do planejamento e do acompanhamento para uma boa gestão de seu dinheiro.

Nesse contexto, os gastos da criança não devem ser censurados ou julgados, exceto se ferirem regras adotadas e cumpridas por toda a família em relação aos seus valores de conduta. Um alerta sobre isso é encontrado em D'AQUINO (2014, p. 62): “um controle exagerado pode ser muito inibidor para as pequenas tomadas de decisão da criança, que, paralisada pelo julgamento dos adultos, abre mão de correr quaisquer riscos em relação a seus gastos”.

O julgamento em relação aos gastos pode favorecer a formação de adultos inseguros, com constante necessidade de validação em relação ao uso do dinheiro, diferente de um padrão saudável. A autora coloca ainda, neste sentido, que: “saber gastar é uma habilidade tão importante quanto saber poupar e, se os filhos não são estimulados a exercitar um e outro aspecto, sua educação financeira resultará incompleta ou desequilibrada” (D’AQUINO, 2014, p. 61).

#### **2.4.5 Tarefas esporádicas**

Uma ferramenta que pode ser utilizada para ensinar o conceito de ganhar dinheiro é a oferta de tarefas que podem ser realizadas pela criança em troca de recompensa financeira. Entretanto, tais tarefas devem ser desassociadas das tarefas comuns da casa, ou seja, devem ser ocasionais e que normalmente necessitem da contratação de terceiros para sua realização. Dessa forma, a criança pode ter a opção de ganhar dinheiro experimentando o conceito de trabalho, realizando a tarefa no lugar do contratado e recebendo uma quantia dinheiro por isso.

Conforme coloca Gerbasi (2019, p.115), deve-se ter o cuidado de não utilizar, para este fim, tarefas comuns da casa:

Jamais ofereça remuneração em troca de uma rotina doméstica executada por seus filhos, como lavar a louça, arrumar a cama ou manter o armário arrumado. Ao fazê-lo, os pais estarão estimulando os filhos a mercantilizar suas obrigações. Quando as crianças executam tais atividades, devem entender que estão simplesmente compartilhando as tarefas de manter o lar e os bens pessoais, auxiliando seus pais, que devem demonstrar com afeto sua gratidão por isso”

Uma observação importante na adoção dessa ferramenta é a combinação prévia das regras para que se considere o trabalho efetivamente realizado e a inspeção de sua realização dentro do que foi combinado. Isso reforça o conceito de valores e estimula o prazer da conquista, através da capacidade de realização de tarefas supervisionadas com certo grau de autonomia. Conforme coloca Costa (2019, p.27): “limitar o valor do trabalho somente à recompensa material pode prejudicar muito a formação dos pequenos. Precisamos mostrar a eles que uma das razões mais importantes para trabalhar é a possibilidade de realização”.

Por último, a adoção da ferramenta permite também apurar a habilidade de resolver problemas das crianças: ao ter a possibilidade de realizar tarefas específicas em troca de dinheiro, a criança passa a entender como pode, com certa autonomia controlada, resolver problemas, sejam eles financeiros (realizar tarefas em troca para obter dinheiro) ou os próprios problemas enfrentados durante a execução da tarefa em questão (problemas diversos).

Na adoção de tarefas, cabe aos pais adotar estratégias conforme a maturidade cognitiva da criança. Uma criança de 11 anos provavelmente fará a tarefa mais rápido e melhor do que uma criança de 8 anos, por exemplo. Por isso, é necessária adoção de flexibilizações nos resultados esperados.

#### **2.4.6 Vivência cotidiana**

De acordo com o que já foi visto, a atitude e o comportamento dos pais em relação ao dinheiro representa o alicerce da educação financeira infantil. Por esse motivo, a vivência cotidiana é a principal ferramenta para o aprendizado da gestão do dinheiro, uma vez que se pode ser aplicada em diferentes contextos e com diferentes objetivos. Sua utilização como ferramenta pode ensinar conceitos e valorizar comportamentos, considerando o crescimento da criança.

Entre os conceitos que podem ser aprendidos dentro das vivências cotidianas, destacam-se: o valor atribuído a um objeto (relação caro x barato) e a necessidade de consumo (relação querer x precisar). Ambos os conceitos são importantes para a consolidação do aprendizado de ganhar, gastar, poupar e doar.

O conceito de valor atribuído a um objeto é um aprendizado que permite com que a criança possa fazer melhores escolhas de consumo em sua vida futura, refletindo sobre o objeto e seu real valor antes de agir pelo impulso. A aprendizagem do conceito de valoração, que, para a criança, ainda é bastante abstrato, pode ter sua base na construção contínua da relação caro x barato. D'Aquino (2014) aduz que:

[...] a intenção de apresentar caro/barato é levar os filhos a perceber que existem aspectos sobre os quais devemos pensar antes de fazer uso do dinheiro". A intenção com essa relação é a de que a criança passe a entender que o consumo deve passar pela ponderação e não pelo impulso.

Da mesma forma, Costa (2019, p.53), escreve: “para dizer se um produto é caro ou barato, a primeira coisa a se fazer é refletir sobre a utilidade do produto e, então analisar a relação custo/benefício. Essa reflexão é muito abstrata para uma criança” O autor coloca também que o conceito de caro x barato é bastante relativo já que depende da renda da família. O que é caro para uma família pode não ser para outra. Nesse caso, as crianças precisam, gradualmente, absorver esse conceito de diferença social e valoração de objetos.

A escolha de consumo deve ser fundamentada, na vida adulta não apenas pelo preço, mas por todo o valor custo/benefício. Essa relação custo benefício se estende a outras áreas da vida pois permite escolhas mais conscientes em todos os âmbitos.

O conceito da necessidade de consumo, por sua vez, complementa e é complementado pelo conceito de valor. Saber fazer escolhas mais conscientes implica em entender que será necessário abrir mão de outra coisa, mais uma vez aplicando a noção de custo/benefício. Conforme coloca D’Aquino (2014): “ser capaz de distinguir o que compramos porque queremos daquilo que consumimos porque precisamos é fundamental em qualquer idade”.

É importante observar que, assim como a relação caro x barato, a distinção querer x precisar também é afetada pela família. Diferentes pessoas e famílias possuem diferentes necessidades e desejos pois outras variáveis afetam o sistema de valores: morar em locais diferentes, ter idades diferentes, sexos diferentes, rendas diferentes ou necessidades físicas e emocionais diferentes.

A seguir, são apresentados exemplos de vivencias cotidianas que podem contribuir com o aprendizado da criança em diferentes fases do seu crescimento.

#### 2.4.6.1 Supermercado

Os supermercados, assim como outros estabelecimentos destinados ao consumo, podem ser usados como ferramenta para a aprendizagem dos conceitos de educação financeira.

A criança pode, por exemplo, fazer parte da elaboração da lista das necessidades da família e, dessa forma, ser levada a entender e praticar o conceito de querer x precisar. O quadro 4 resume outros aprendizados que podem ser

obtidos e praticados através da vivência cotidiana de frequentar com a família diferentes estabelecimentos de consumo.

Quadro 4 - Supermercado como ferramenta de aprendizado

<b>Participação / Ação</b>	<b>Aprendizado</b>
Elaborar a lista de compras	Querer x Precisar; Planejamento
Escolher um item	Caro x Barato Orçamento
Comparação de Preços	Caro x Barato Valoração de objetos

Fonte: Elaborado pela autora

#### 2.4.6.2 Férias e Passeios

Férias e passeios representam uma ferramenta importante para o aprendizado do planejamento e do orçamento, uma vez que é necessário um planejamento prévio para sua concretização. Embora o planejamento financeiro de uma viagem envolva a elaboração de um orçamento detalhado, a participação da criança pode acontecer de forma a ajudar os pais na pesquisa do que há para fazer no local visitado, a necessidade da utilização ou não do dinheiro para tal passeio e permissão de escolha de uma atração a ser visitada, dentro de um valor ou tempo determinado.

Ao atingir uma idade mais avançada, essa elaboração do orçamento pode se estender para outros contextos da viagem, por exemplo, a decisão em família de qual seria a opção mais interessante: hospedar-se em um hotel de menor custo para poder usar o dinheiro excedente de outra forma ou hospedar-se em um hotel de maior custo que proporciona mais comodidade.

Outra forma de participação enquanto ferramenta de educação financeira é permitir que a criança investigue que tipo de lojas há no local, ajudando-a a poupar um valor que pode ser destinado a comprar alguma lembrança de viagem ou algum brinquedo diferente.

### 2.4.6.3 Datas Especiais

Datas especiais ajudam a exercitar nas crianças o conceito de espera (conceito importante para aprender a poupar), planejamento e de escolhas de consumo, além de ajudar na consolidação do conceito de valor.

As datas especiais podem ser marcadas por presentes de maior valor criativo e menor valor financeiro. Conforme diz Gerbasi (2019, p.67)

Crie significado para cada conquista. Presenteie seus filhos somente quando houver motivo: uma data festiva, uma lembrança marcante de viagem, o início das férias, um desempenho muito acima da média na escola. Preferencialmente, use mais criatividade e menos dinheiro para presentear.

O exercício da capacidade da criança em esperar o momento combinado chegar é bastante difícil, dependendo da idade. Em se tratando do conceito de fazer planos, a criança pode planejar desde o que deseja ganhar (se a família opta por dar presentes de valor financeiro na data fixada), até o que deseja fazer de especial naquele dia com sua família (se a opção for por uma comemoração menos consumista).

Em suma, a criação de marcas de tempo associadas ao consumo permite a dissociação do consumo como sinal de amor dos pais, conforme previamente discutido na seção 2.2.2.

Além disso, marcas de tempo associadas ao consumo também possibilitam trabalhar a diferenciação entre vontade (volátil) e desejo (perene), como escreve D'Aquino (2014, p. 98):

Um jeito bastante acurado de distinguir vontade e desejo, do ponto de vista de consumo infantil, é deixar que a criança espere algum tempo para ganhar o que pede. [...]. Nesse mesmo sentido, marcar datas para recebimento dos presentes permite que a criança reconheça e fortaleça seus desejos no tempo.

## 2.5 FERRAMENTAS X DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Considerando processo de formação da capacidade cognitiva infantil discutidos na seção 2.1, os conceitos norteadores da educação financeira infantil apresentados na seção 2.2 e a importância das atitudes dos pais apresentadas na

seção 2.3, pode-se concluir que o comportamento observado dos pais em relação ao dinheiro é parte fundamental do processo de aprendizagem, que deve ser gradual e adaptado à capacidade cognitiva da criança. Como coloca D'Aquino (2014, p.48): “[...] para ser eficaz, a educação financeira das crianças deve levar em conta três aspectos: perspectiva de longo prazo, consistência de mensagem e repetição”.

De forma geral, os autores relacionados no decorrer do texto, especialistas em educação financeira infantil, demonstram corroborar com a noção do desenvolvimento cognitivo, ainda que não mencionem em seus trabalhos publicados nenhuma teoria cognitiva utilizada para a sugestão da utilização das ferramentas adequadas a cada idade. A citação de Gerbasi (2019, p.157) demonstra a consciência da noção de capacidade cognitiva: “enquanto crescem e amadurecem, as crianças sofrem transformações decorrentes de mudanças em sua estrutura mental, em seu metabolismo hormonal e pela maior exposição ao mundo [...]”.

À vista disso, o objetivo dessa seção é o de relacionar as ferramentas (apresentadas na seção 2.4) listadas pelos autores como adequadas para cada idade e a teoria de desenvolvimento cognitivo infantil (apresentada na seção 2.1). Cabe salientar que algumas das ferramentas elencadas são adequadas para diferentes estágios de desenvolvimento (ex. jogos e livros e a adoção de datas especiais para presentear) e, assim, não serão citadas dentro de todos os estágios.

### **2.5.1 Estágio sensório-motor**

Antes dos 2 anos de idade, a criança se encontra no período sensório-motor, caracterizado pela utilização da inteligência inata, baseada em seus sentidos e habilidades motoras. Sua maior conquista, no final da fase é a noção de permanência do objeto.

Em se tratando da educação financeira, ainda não há sentido em se falar de ferramentas pois a criança não tem a capacidade necessária para compreendê-las e nem noção do que é dinheiro. Dessa forma, há na literatura a sugestão do aprendizado gradual do conceito de espera, quando a criança gradualmente pode ser ensinada a entender que seus desejos não serão prontamente atendidos pelos pais.

### 2.5.2 Estágio Pré-Operacional

É no estágio pré-operacional (2-7 anos) que a literatura começa a sugerir a utilização de ferramentas de apoio para a educação financeira, iniciando de forma mais informal para posteriormente avançar para a utilização de ferramentas de apoio.

Nessa fase a criança já tem uma maior noção de mundo, embora ainda seja egocêntrica. Além disso, é um período muito caracterizado pela vivência no presente (a noção temporal ainda não é clara), pela confusão entre realidade e fantasia e pela dificuldade na seriação e na distinção de classes de objetos e situações.

Conforme D'Aquino (2014) é uma fase caracterizada pelo interesse não significativo no dinheiro e com sentido de poupança muito limitado ou inexistente, sendo, portanto, fase ideal para a preparação do terreno para passos mais largos e consistentes em relação ao dinheiro. Embora o interesse seja limitado, a atenção ao comportamento dos pais em relação às finanças está presente o tempo todo, ou seja, se as crianças percebem que os pais, de modo concreto, valorizam o cuidado com o dinheiro, assimilam esse comportamento.

Como sugestão, coloca que os pais devem se concentrar no ensino do que é o dinheiro, seu aspecto palpável e as noções iniciais de caro e barato. O foco principal é somente a educação em relação ao conceito de caro e barato. Os conceitos de composição e variáveis que envolvem a precificação devem ser integrados mais tarde, na medida do entendimento e desenvolvimento cognitivo da criança.

O quadro 5 elenca sugestões para a fase, resumidas dos trabalhos de D'Aquino (2014) e Gerbasi (2019). Através dele, é possível perceber que as sugestões levantadas para a idade vão ao encontro da capacidade cognitiva da criança na faixa etária, uma vez que ainda não há uma preocupação em fazer com que a criança atribua correto valor ao dinheiro e saiba distinguir exatamente o que é, de fato, caro ou barato. Pode-se perceber, ainda, que é uma fase em que algumas ferramentas de apoio já são sugeridas, por exemplo, o cofrinho, mesmo que sem a ligação concreta com a noção de poupança.

D'Aquino (2014) coloca que a vocalização das palavras caro e barato servem para que passem a fazer parte do mundo da criança. Essa vocalização insere as palavras no dia a dia da criança. Ainda dentro da faixa etária, os pais passarão a

observar que as crianças passam a vocalizar as mesmas palavras naturalmente, seja perguntado se alguma coisa é cara ou barata, seja apenas utilizando dentro de um contexto coerente.

Quadro 5 - Sugestões para educação financeira no estágio pré-operacional

<b>Ação</b>	<b>Aprendizado</b>	<b>Idade Recomendada</b>
Apresentação de moedas e brincadeira de caça ao tesouro buscando moedas soltas pela casa	O que é dinheiro	3-5 anos
Na preparação da lista do mercado, atribuir à criança a tarefa de conferir se alguns itens estão em falta (ex. sabonete).	Noções querer x precisar	4-5 anos
Ao invés de perguntar o que a criança <u>deseja</u> comer, perguntar o que ela <u>escolhe</u> comer.	Consumo consciente	3-7 anos
Utilização de pote transparente com tampa para armazenar moedinhas recebidas ou encontradas.	Manuseio e cuidado com dinheiro	5-6 anos
Permitir que a criança manuseie dinheiro se desejar, por exemplo, ao pagar a compra pelos pais.	Manuseio do dinheiro	5-6 anos
Pagar compras com dinheiro quando na companhia da criança	Manuseio e cuidado com dinheiro	5-6 anos
Ao fazer compras na companhia da criança, procurar vocalizar as palavras caro e barato	Noção caro x barato	5-6 anos
Mostrar que o valor de um mesmo produto é diferente em diferentes lojas	Noção caro x barato	6-7 anos

Fonte: Elaborado pela autora

As noções de planejamento e de querer e precisar também começam a aparecer nessa fase. No quadro acima, observa-se a sugestão de fazer com que a criança ajude com a elaboração da lista de supermercado. Essa simples tarefa pode contribuir para que a criança comece a ter noções de planejamento. Conforme exemplifica D'Aquino (2014): “[...] mesmo crianças muito pequenas – por volta dos

dois anos e meio – podem ser convidadas a colaborar no processo Basta deixa-las responsáveis pela verificação da necessidade de compra de alguns produtos”.

A autora coloca como exemplo que uma criança pode ser solicitada a averiguar a necessidade de se comprar sabonetes. Se necessário, o produto deve ser colocado na lista na presença da criança e, a mesma, já no mercado, pode ser incumbida de pegar determinado número do item e colocar no carrinho de compras da família.

Nesse estágio, a ferramenta de mesada, ainda não é indicada com função tão definida, embora possa ser utilizada de uma forma suavizada. Isso acontece porque a mesada deve ter função educativa de planejamento e, de preferência, surgir pelo interesse da criança, o que tende a acontecer mais tarde. Entretanto, até os 6 anos, a criança pode receber um valor, com adoção de uma menor periodicidade (semanada) para fazer pequenas compras. Esse procedimento permite com que a criança se familiarize com o dinheiro e perceba a relação de troca entre dinheiro e compra (COSTA, 2019).

Complementando, D’Aquino (2014, p.54) escreve sobre a função da mesada para a fase, colocando como primordial ensinamento que a criança aprenda a lidar com sentimentos difíceis de impulsividade e ansiedade: “com crianças entre três e cinco anos, a função da semanada é exclusivamente habituá-las a esperar tanto para receber quanto para gastar dinheiro”.

### **2.5.3 Estágio Operacional-Concreto**

O estágio operacional-concreto (7-11 anos), como já visto, se caracteriza principalmente pelo desenvolvimento da abstração, declínio do egocentrismo, início do desenvolvimento do senso moral e código de valores e início do processo de pensamento lógico. Por último, há a aquisição da noção de reversibilidade, ou seja, a capacidade que as pessoas têm de raciocinar de forma bidirecional, ou seja, em um sentido e no seu oposto. Essa noção possibilita à criança a capacidade de conseguir resolver problemas complexos e permite ver todas as posições intermediárias entre duas opiniões opostas (Piaget, 2013).

Sob a perspectiva da educação financeira, D’Aquino (2014, p.58), por exemplo, considera que a criança apresenta uma visão mais ordenada e racional:

Nesse estágio, a capacidade de a criança pensar abstratamente é um pouco maior, e ela se torna capaz de imaginar coisas de uma forma que antes não lhe era possível. Ela não apenas consegue escrever os números até dez, como também pode conceber um grupo de dez - e começa a entender que objetos não mudam em número se forem cobertos ou mudados de lugar.

A fase também é caracterizada pelo maior interesse pelo dinheiro. A criança, no declínio do egocentrismo, começa a perceber que o mundo é amplo, e necessita construir, aos poucos, sua visão sobre o mesmo. Dessa forma, é inevitável que surjam os questionamentos, influenciados pela publicidade e pelos pares.

Um exemplo, como cita D'Aquino (2014, p.44), acontece quando a criança questiona os pais se a família é rica ou pobre.

Quando se tornam um pouco mais velhas, por volta dos 7 anos, as crianças voltam a manifestar curiosidade acerca dos limites de renda da família. E, nesse momento, a origem da preocupação provavelmente estará relacionada à constatação de que outras crianças possuem coisas que elas não têm.

Por volta dos 9 anos, a curiosidade começa a mudar de forma: as perguntas passam a ser mais centradas na própria realidade e um pouco menos comparativas, por exemplo: "Quanto você ganha?". Apesar de tais questionamentos representarem situações muitas vezes difíceis para os pais, as crianças não devem ser poupadas de uma resposta a essas perguntas. As perguntas devem ser encaradas com naturalidade e a resposta pode ser dada através da relativização da situação, por exemplo: "somos mais pobres que alguns e mais ricos que outros" (D'AQUINO, 2014).

A relativização da situação permite que as crianças entendam que há diferenças entre as famílias, mas não revelam detalhes desnecessários, já que a educação financeira pode acontecer sem a necessidade do fornecimento desse tipo de informação.

Costa (2019, p. 51) corrobora com a opinião quando opina:

O mais correto é não esconder dos filhos essa realidade desigual. A criança deve saber que há diferenças entre as possibilidades de consumo das famílias. Deve saber que existem famílias que podem mais, assim como existem famílias que têm uma capacidade de compra menor e não podem, por exemplo, garantir escola para os filhos.

Em vista desse interesse pelo dinheiro e sua habilidade de compreensão lógica, a criança está pronta para o uso mais formal de diferentes ferramentas de apoio para o aprendizado da gestão do dinheiro.

Uma ferramenta que pode ser inserida na fase é a mesada. Salienta-se, entretanto, que a noção de tempo ainda não é totalmente concreta para a criança (sendo ainda de curto prazo), sendo a periodicidade ideal para a entrega da quantia a semana (semanada). Em relação à mesada e ao desenvolvimento cognitivo mais avançado, D'Aquino (2014, p. 59) discorre:

Esse quadro geral autoriza o início das semanadas em uma versão mais didática do que vinha acontecendo até então. A partir de agora, pouco a pouco, a criança deve ser levada a compreender a importância de estabelecer um orçamento semanal. É um processo suave, progressivo, de tal maneira que não se deve esperar que ela seja capaz de construir de maneira autônoma um orçamento antes dos 10 anos.

Em se tratando do uso da mesada, os pais devem, a partir de agora, adotar todos os aspectos que foram discutidos na seção 2.3.4: entregar o dinheiro no dia estabelecido e em quantia correta e ajudar a dar destinação aos valores acordados (gastos fixos, gastos imediatos, gastos futuros).

Independente do recebimento de mesada ou não, como a noção de poupança ainda está em formação, é preciso que os pais, a cada dinheiro que as crianças recebam e sejam estimuladas a guardar, ajudem as crianças a encontrar objetivos de curto prazo que satisfaçam o seu desejo de consumo de forma realista. Ao usar o dinheiro, os pais também devem permitir que a criança decida sobre ele, bastando assinalar o que ganha e perde com cada escolha que fizer. A importância de tal atitude se baseia no fato de que as frustrações de escolhas malfeitas fazem parte do processo de aprendizagem.

Em relação às vivências cotidianas, tarefas mais complexas podem ser inseridas para aprofundar as noções de caro e barato e de querer e precisar. Como exemplo, pode-se inserir mais elementos na avaliação de valor de um produto (ex. material de que é feito, durabilidade). Outra vivência importante é estimular a doação daquilo que a criança não mais utiliza, estimulando ao aprofundamento não só da noção querer x precisar, mas também ajudando na compreensão da relativização da renda familiar e noção de riqueza.

As ações realizadas na vivência cotidiana ajudam na construção de valores morais e de orçamento. Nessa fase a criança se compara muito aos amigos e o

social já influencia a questão econômica. A criança está interessada em pertencer ao grupo e começa a ser atraída por marcas ou objetos que demonstram status. Dessa forma, D'Aquino (2014, p. 64):

[...] deve-se reforçar a importância dos valores familiares, o que inclui manter o consumo infantil em margens condizentes com as reais possibilidades da renda familiar. Dentro dessa perspectiva, é perfeitamente adequado admitir as simpatias que a criança manifeste por essa ou aquela marca ou produto. Mas o sensato será incentivá-la a poupar parte do dinheiro necessário à compra ou transformar a aquisição especial em presente de aniversário ou Natal.

#### **2.5.4 Estágio Operacional-Formal**

O estágio operacional formal (12-16 anos), caracterizado pela presença do raciocínio abstrato e da lógica dedutiva, é onde a educação financeira entra em seus estágios mais avançados.

Nessa fase, a criança já tem noção concreta de tempo e pode entender outros conceitos que antes não conseguia. Ela é capaz de ter conversas claras sobre o futuro e pode ser apresentada gradualmente a conceitos mais complexos da gestão do dinheiro, como o conceito de juros e as vantagens e desvantagens da utilização de serviços bancários.

A mesada, por exemplo, já pode ser dada em periodicidade mensal já que a noção de tempo é estabelecida. Sendo uma fase de constante pressão da sociedade de consumo e de seus pares, possivelmente a criança, mais autônoma em relação aos seus gastos e planejamento, pode acabar extrapolando o orçamento.

D'Aquino (2014) coloca que é um grande momento de aprendizado onde a criança pode ter que lidar com a falência (descuido no orçamento) e o consequente susto e angústia. Caso isso ocorra, aconselha aos pais que não suspendam a mesada e sim usem a situação para mostrar que o uso incorreto do dinheiro provoca consequências difíceis.

Ela resume que cabe aos pais averiguarem com o filho onde foi o problema, discutirem sobre as causas e possíveis soluções. Como exemplo, coloca que os filhos devem estar cientes de que, ao receberem adiantamentos para cobrir o rombo, terão como consequência o fato de receber menos na próxima mesada.

Adiantamentos, portanto, só devem ser oferecidos após a conversa, salientando que se trata de uma exceção feita pelos pais e não a regra. Sempre que possível, no entanto, os pais devem oferecer a ferramenta das tarefas esporádicas, explicada na seção 2.4.4, pois a adoção da ferramenta permite o aprimoramento da capacidade de solução de problemas, além de permitir uma reflexão mais ampla sobre o valor do trabalho (D'AQUINO, 2014).

## 2.6 RESUMO

Este capítulo apresentou uma visão geral sobre o desenvolvimento cognitivo infantil e sua relação com a educação financeira, através da exploração de diferentes conceitos e ferramentas que podem ser utilizados para este fim.

A exploração da literatura se iniciou com a apresentação da teoria da epistemologia genética elaborada pelo educador Jean Piaget, resumidas de referências como Piaget (2013) e Pádua (2009), mostrando que o desenvolvimento cognitivo infantil passa por uma série de transformações importantes.

Em seguida, concentrou-se em apresentar a visão de autores que se destacam na área de educação financeira infantil, entre eles D'Aquino (2014), Costa (2019) e Gerbasi (2019), principalmente discutindo o que deve ser ensinado (conceitos), quando se deve iniciar a educação financeira infantil e quais ferramentas podem ser utilizadas para que o assunto seja parte constante do desenvolvimento infantil.

Por fim, apresentou uma relação das ferramentas de educação financeira e o desenvolvimento cognitivo infantil, separando, em cada estágio, o que a literatura recomenda como ferramenta a ser utilizada.

A seguir, no capítulo 3, será abordada a metodologia para a realização da pesquisa.

### 3 METODOLOGIA

O objetivo deste capítulo é o de descrever a metodologia da pesquisa realizada no presente trabalho, apresentando brevemente a classificação da pesquisa, a população e amostra, a técnica utilizada para coleta e análise de dados. Além disso, discute também as limitações da pesquisa considerando o método utilizado.

#### 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

De acordo com Ander-Egg (apud Lakatos e Marconi, 2021, p. 182), a pesquisa é "um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento". Assim, trata-se de uma forma de conhecer uma realidade, ainda que parcialmente.

Silva e Menezes (apud Matias-Pereira, 2016) apresentam uma classificação da pesquisa científica quanto à sua natureza e sua forma. Quanto à natureza, uma pesquisa pode ser classificada como básica ou aplicada. Uma pesquisa básica tem como propósito gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista. Uma pesquisa aplicada, por sua vez, tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos.

Considerando a forma de abordar o problema, uma pesquisa pode ser classificada como quantitativa ou qualitativa. Uma pesquisa quantitativa é aquela em que se pode mensurar, numericamente, os fenômenos pesquisados. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador tem apenas o papel de observador e não analisa os dados de forma subjetiva. Já a pesquisa qualitativa se caracteriza por considerar que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, onde existem subjetividades não quantificáveis.

Como explicita Casa Nova et al (2020, p.81):

A pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais dedica-se à compreensão dos fenômenos sociais e tem por objetivo principal entender os significados atribuídos, carregados de subjetividades, às pessoas, suas realidades e contextos. Podemos entendê-la como a tentativa de elaboração de mapas significativos de determinadas realidades sociais. O mapa nunca será a realidade em si. Por isso, não se busca generalizações desses achados, mas sim o conhecimento em profundidade de determinada situação e fenômeno.

Ainda em se tratando de classificação, Gil (2017) coloca que uma pesquisa pode ser classificada quanto ao seu objetivo. Uma pesquisa pode ser exploratória, descritiva ou explicativa. A pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com um problema com intuito de torna-lo explícito ou construir hipóteses. A pesquisa descritiva visa descrever características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre as variáveis. Por último, a pesquisa explicativa visa identificar fatores que determinam ou contribuem para ocorrência de fenômenos.

Retomando o que consta na introdução, a pesquisa realizada neste trabalho tem o objetivo de verificar a contribuição do contexto familiar na formação do conhecimento financeiro em crianças menores de 16 anos, analisando que ferramentas estão sendo utilizadas pelos pais ou responsáveis para colaborar na formação do conhecimento financeiro de seus filhos. Ademais, espera responder ao questionamento de como as famílias estão contribuindo para a formação do conhecimento financeiro de suas crianças.

Sob o ponto de vista da natureza, esta pesquisa classifica-se como aplicada, pois busca entender e identificar, dentro do contexto específico da economia brasileira e de famílias brasileiras, como a educação financeira acontece no contexto familiar. Considerando o ponto de vista da abordagem do problema, a pesquisa tem uma abordagem qualitativa já que procura observar o comportamento e as opiniões dos respondentes quanto ao tema.

Ainda, sob a ótica dos objetivos, este trabalho apresenta uma pesquisa de caráter descritivo já que descreve a realidade encontrada junto aos respondentes.

Em síntese, a escolha metodológica da pesquisa tem como intenção contribuir para a compreensão do comportamento das famílias, de forma a ampliar as reflexões, sob a ótica das finanças pessoais, acerca da promoção da adequada educação financeira no seio familiar.

### 3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população abordada na pesquisa caracteriza-se por famílias com filhos até 16 anos. A lógica da escolha das famílias é pela acessibilidade ou conveniência, ou seja, são selecionados os elementos aos quais se tem acesso.

### 3.3 ETAPAS DA PESQUISA

A presente pesquisa desenvolveu-se em três etapas: (i) revisão bibliográfica e definição de questionário de pesquisa; (ii) coleta de dados, por meio da aplicação de questionário em etapa de testes e, posteriormente, aplicação definitiva com público alvo; (iii) análise de dados através da tabulação e interpretação dos dados previamente coletados.

Para consecução da primeira etapa, realizou-se estudo bibliográfico sobre o tema em livros e outros documentos produzidos por autores que se destacam na área. Dessa forma, foi possível realizar a identificação dos pontos mais importantes dentro do assunto, de forma a permitir a elaboração do questionário.

A coleta de dados, neste estudo, foi efetuada através da utilização de questionário. Lakatos e Marconi (2021) definem o questionário como “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

A opção por tal instrumento de pesquisa é baseada no fato de que sua aplicação garante anonimato aos participantes do estudo, uma vez que o assunto de finanças pessoais, apesar de estar mais presente na sociedade, ainda é considerado particular, algo que muitas pessoas não desejam expor. Em recente pesquisa realizada pelo banco Itaú (2021) buscando compreender a relação atual do brasileiro com dinheiro em todas as suas dimensões (individual, familiar, social e cultural) e seus principais medos e tensões, constata-se que o dinheiro ainda é visto como tabu, apesar de estar gradualmente se tornando uma ferramenta de emancipação para os brasileiros.

Após a coleta de dados, foi realizada a análise de dados, seguindo os passos propostos por e Marconi (2021): seleção, codificação e tabulação.

Na seleção, os dados coletados foram submetidos a uma verificação crítica, com o objetivo de detectar falhas ou erros que pudessem influenciar os resultados

da pesquisa. A segunda etapa, de codificação, envolveu a categorização dos dados, ou seja, os dados obtidos foram quantificados, para facilitar sua comunicação. Por fim, na etapa de tabulação, os dados foram dispostos em tabelas e transformados em gráficos, a fim de se realizar a verificação de suas inter-relações.

### 3.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Dentre as limitações da metodologia adotada, encontra-se o fato da amostra ser escolhida por acessibilidade ou conveniência. A adoção de tal lógica para a escolha dos entrevistados se dá pelo tempo delimitado para realização da pesquisa, além de seu assunto, que é considerado sensível. Assim, o número de entrevistados pode não ser suficiente para o estabelecimento de aprofundadas considerações sobre os dados obtidos.

A utilização de questionário como único instrumento de pesquisa não permite a realização de um estudo em profundidade já que existem limites em se tratando do número de questões formuladas. Um questionário muito longo não colabora para a adesão de respondentes. Da mesma forma, apesar do cuidado na elaboração do questionário, buscando seguir as prerrogativas da literatura de clareza e adequação, ainda assim há a possibilidade de incorreta interpretação do instrumento por parte do respondente.

Apesar das limitações levantadas, os resultados obtidos no presente trabalho evidenciam a importância do tema dentro da área e podem servir de base para futuras pesquisas relacionadas, considerando outras perspectivas ou abordagens complementares, aprofundando o tema em pauta.

### 3.5 RESUMO

Este capítulo apresentou a metodologia para a realização da pesquisa, destacando sua classificação como pesquisa de natureza aplicada, de abordagem qualitativa e caráter descritivo. Além disso, foram descritos outros aspectos da metodologia, como a lógica da escolha da população e amostra (por acessibilidade ou conveniência), etapas envolvidas no processo e as limitações que impactam os resultados obtidos.

O capítulo a seguir trata dos resultados encontrados após a execução das etapas descritas na metodologia, destacando as relações encontradas após a coleta e análise dos dados e traçando um paralelo com a teoria, cujo levantamento foi feito durante a etapa de revisão da literatura.

## **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

O presente capítulo reúne os dados obtidos através da aplicação do questionário e a análise dos mesmos. Primeiramente, apresenta-se uma discussão sobre o questionário elaborado (disponível, na íntegra, no apêndice 1 desse documento), buscando elencar os objetivos dentro das diferentes perguntas formuladas, bem como sua relação com o tema da pesquisa. Em seguida, é apresentada a análise e discussão dos dados coletados, conforme os objetivos pretendidos.

### **4.1 QUESTIONÁRIO E OBJETIVOS**

Considerando o objetivo principal da pesquisa de analisar que instrumentos estão sendo utilizados pelos pais ou responsáveis para colaborar na formação do conhecimento financeiro de seus filhos menores de 16 anos, considerou-se necessária a elaboração de questionário compreendendo diferentes objetivos específicos.

A seguir, listam-se os objetivos específicos pretendidos quando da elaboração do questionário de coleta de dados e a relação de tais objetivos com o contexto da pesquisa realizada.

#### **4.1.1 Parte I - Conhecer o perfil familiar dos respondentes**

Inicialmente, buscou-se conhecer mais sobre o perfil de cada família respondente de forma a garantir que as mesmas estivessem dentro do público alvo da pesquisa. Por se tratar da aplicação de questionário sem necessidade de identificação pessoal, entendeu-se necessário a elaboração de perguntas que aprofundariam o perfil familiar do respondente, a fim de garantir que pudessem ser retirados da amostra quaisquer respondentes que: (i) não tivessem filhos ou responsáveis e (ii) tivessem filhos ou responsáveis fora da idade selecionada para estudo.

Também, foram incluídas perguntas com o objetivo de entender e construir possíveis relações entre o grau de escolaridade, a área de formação e a renda familiar da família respondente com a escolha dos instrumentos utilizados na

educação financeira infantil. Kassardjian (2013), em uma pesquisa sobre educação financeira infantil, coloca que: “[...] a educação financeira apresentada pela população de um país está ligada a alguns fatores, como o nível de renda e a qualidade da educação. “

De forma semelhante, Silva et. al (2017) apresentam uma pesquisa acerca da influência de fatores demográficos e socioeconômicos no conhecimento financeiro de estudantes e colocam que algumas variáveis são capazes de impactar o conhecimento financeiro, tais como: o gênero, a idade, a renda e o grau de escolaridade do indivíduo e seus pais. Segundo dados apresentados pelos autores, famílias com maior renda possuem maior nível de educação financeira e a renda dos pais caracteriza-se como fator determinante para potencializar a educação financeira dos filhos.

Ainda considerando o trabalho dos autores, famílias com pais que já concluíram o ensino superior apresentam maior domínio e segurança sobre finanças, embora o impacto na educação financeira infantil não seja tão profundo e determinante como a renda.

A inclusão de perguntas sobre o perfil familiar, portanto, possibilita verificar se algum dos fatores supracitados pode influenciar as decisões tomadas pelas famílias em relação à educação financeira infantil e as técnicas escolhidas para realizar o processo.

#### **4.1.2 Parte II - Entender sobre as crenças pessoais dos respondentes**

Conforme apresentado na introdução, a educação financeira é um assunto que vem ganhando maior notoriedade nos últimos anos, devido a estabilização da economia no país. Com o propósito de construir possíveis relações entre o conhecimento financeiro dos responsáveis, a idade do início da educação financeira na família e a escolha de técnicas utilizadas na educação financeira infantil, foram incluídas no questionário perguntas que buscam entender como ocorreu e se aprofundou a educação financeira dos pais respondentes.

Em se tratando desse aspecto, os respondentes foram questionados sobre sua própria história de educação financeira: onde se iniciou e com que idade recordam ter tido o primeiro contato com a mesma e onde consideram que o processo de educação financeira pessoal foi consolidado.

Ainda, como aprofundamento, foram questionados sobre a situação financeira da família, sobre a avaliação pessoal sobre os conhecimentos financeiros e sobre a crença na importância da educação financeira infantil.

#### **4.1.3 Parte III - Verificar o comportamento familiar dos respondentes**

Objetivando atender ao principal objetivo proposto no trabalho e entender como a educação financeira está acontecendo, de fato, no contexto familiar dos respondentes, foram elaboradas perguntas específicas relacionadas aos conhecimentos adquiridos na etapa de levantamento bibliográfico.

As perguntas sobre comportamento familiar foram elaboradas de forma a abordar grande parte dos aspectos estudados na literatura, tais como: a idade que os pais consideram ideal para início da educação financeira infantil, a idade e a forma como ocorreu a primeira demonstração de interesse pelo dinheiro das crianças e a ocorrência ou não de diversos comportamentos familiares em relação ao tema.

## **4.2 RESULTADOS**

A etapa de aplicação do questionário ocorreu no mês de março de 2022 através de convite enviado por e-mail e diferentes redes sociais, considerando grupos de interesse (grupos familiares ou caracterizados por discussões acerca do tema crianças e filhos). Após um mês de disponibilidade, a coleta de respostas foi encerrada com um total de 49 respondentes. A seguir, apresenta-se a análise dos resultados obtidos.

### **4.2.1 O perfil familiar dos respondentes**

Conforme relatado, o questionário aplicado buscou identificar, em um primeiro momento, o perfil familiar dos respondentes, de modo não somente a caracterizá-lo, mas também a garantir se tratar do público alvo da pesquisa. Em um segundo momento, buscou-se analisar possíveis relações entre fatores socioeconômicos já apresentados na literatura como influenciadores da educação financeira infantil e a escolha das técnicas utilizadas para o processo.

Observa-se que todos os respondentes da pesquisa estão dentro do perfil desejado, caracterizado pela presença de crianças no contexto familiar, como mostra a tabela 1.

Tabela 1 – Número de crianças sobre responsabilidade dos respondentes

Variável	Respostas	Respostas (número)
<b>Número de crianças menores de 16 anos</b>		
Apenas uma criança	51%	24
Doas crianças	49%	25
Três crianças	0%	0
Mais de três crianças	0%	0
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando a idade das crianças presente no grupo, observa-se crianças em todos os estágios de desenvolvimento cognitivo. Dentre os estágios, destaca-se um maior número de crianças do grupo no estágio pré-operacional (57,14%), seguido pelo estágio operacional-concreto (38,78%).

Salienta-se que as porcentagens obtidas consideram o total de 49 respostas. A variação percentual é observada por se tratar de pergunta com opção de resposta múltipla (Tabela 2).

Tabela 2 – Idade das crianças sob responsabilidade dos respondentes

Variável	Respostas (%)
<b>Idade das crianças</b>	
Entre 0 e 2 anos (Sensório-Motor)	16,33%
Entre 2 e 7 anos (Pré-Operacional)	57,14%
Entre 8 e 11 anos (Operacional-Concreto)	38,78%
Entre 12 e 16 anos (Operacional-Formal)	22,45%
<b>TOTAL</b>	<b>134,69%</b>

Fonte: Elaborado pela autora

O grau de escolaridade das famílias respondentes mostra que se trata de um grupo formado, em sua maioria, por pelo menos um dos pais ou responsáveis apresentando ensino superior completo ou pós-graduação, representando um total de 89,79% dos respondentes, conforme mostra a tabela 3.

Tabela 3 – Maior grau de escolaridade das famílias respondentes

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>Maior escolaridade dos pais/responsáveis</b>		
Ensino fundamental incompleto	0%	0
Ensino fundamental completo	2,04%	1
Ensino médio incompleto	0%	0
Ensino médio completo	2,04%	1
Ensino superior incompleto	6,12%	3
Ensino superior completo	22,44%	11
Pós-graduação	67,35%	33
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

A renda familiar mensal do grupo entrevistado considerou o salário mínimo federal vigente no momento da aplicação do questionário, no valor de R\$1.212,00. A distribuição considerada nas alternativas apresentadas aos respondentes levou em conta a classificação social adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que considera o rendimento bruto familiar mensal, mensurado em salários mínimos e dividido em classes sociais que variam entre A e E.

Tabela 4 – Renda familiar mensal

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>Renda familiar mensal</b>		
Menos de 2 salários mínimos (classe E)	0%	0
Entre 2 e 4 salários mínimos (classe D)	10,20%	5
Entre 4 e 10 salários mínimos (classe C)	40,82%	20
Entre 10 e 20 salários mínimos (classe B)	26,53%	13
Mais de 20 salários mínimos (classe A)	22,45%	11
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se através da tabela 4 que o grupo respondente está, em sua maioria, caracterizado por famílias pertencentes à classe C (40,82%), seguidos pelas classes B (26,53%) e A (22,45%). Juntas, as classes predominantes variam entre média e alta, representando um total de 89,78% do total.

Por último, em se tratando da área de formação dos pais ou responsáveis, foram obtidas 46 respostas no total, cuja distribuição pode ser vista na tabela 5:

Tabela 5 – Área de formação dos pais/responsáveis

Variável	Respostas (%)
<b>Área de formação dos pais/responsáveis</b>	
<b>Exatas e da Terra / Engenharias</b>	58,7%
<b>Biológicas / Saúde</b>	23,9%
<b>Linguagens / Artes / Música / Teatro</b>	10,9%
<b>Sociais aplicadas / Humanas</b>	43,5%
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados obtidos mostram que, de modo geral, o grupo respondente é bastante coeso, formado por famílias de classe social média ou mais elevada, com boa escolaridade, com um ou dois filhos cujas idades estão concentradas principalmente entre 2 e 11 anos.

#### 4.2.2. Crenças pessoais dos respondentes

Como aponta a literatura estudada, os exemplos e as atitudes dos pais são de extrema importância para o processo da educação financeira infantil visto que as crenças e comportamentos em relação ao dinheiro são transmitidos aos filhos, ainda que de forma não consciente. Ilustrando o exposto, Manfredini et. al. (2007, p.139) coloca: “[...] modelos parentais de valor, crenças usos e manejo com relação ao dinheiro passam para os filhos, mesmo sem intencionalidade educativa”.

O conhecimento sobre finanças e a situação financeira da família foram variáveis consideradas na presente pesquisa, a fim de verificar se apresentam influência no processo de educação financeira dos filhos ou na escolha das técnicas utilizadas.

De modo geral, conforme dados mostrados na tabela 6, o grupo respondente se considera com conhecimento mais elevado sobre finanças (mais da metade dos entrevistados atribuem nível 4 ou 5, totalizando 63,27%).

Tabela 6 – Conhecimento sobre finanças

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>Conhecimento sobre finanças</b>		
<b>1 (nenhum conhecimento)</b>	2,04%	1
<b>2</b>	2,04%	1
<b>3</b>	32,65%	16
<b>4</b>	40,82%	20
<b>5 (muito conhecimento)</b>	22,45%	11
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

A situação financeira do grupo entrevistado é boa, uma vez que a totalidade dos respondentes apresenta condições suficientes para pagar as contas da família (Tabela 7).

Tabela 7 – Percepção da situação financeira familiar

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>Percepção da situação financeira</b>		
<b>Mais do que precisa e pode economizar</b>	40,80%	20
<b>Suficiente com gastos esporádicos</b>	44,90%	22
<b>Suficiente, sem gastos esporádicos</b>	14,30%	7
<b>Não suficiente</b>	0%	0
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Quando questionados sobre a idade de início da própria educação financeira, a percepção do grupo é de que o início da educação financeira se deu em casa, na família mais próxima (57,1%), conforme mostra a tabela 8. Na sequência, os resultados mais significativos estão concentrados na vida adulta: experiência ou prática profissional (38,8%), estudos independentes (30,6%) e faculdade (10,2%).

Tabela 8 – Conhecimento sobre finanças

<b>Variável</b>	<b>Respostas (%)</b>
<b>Início da educação financeira (onde ocorreu)</b>	
<b>Não tenho conhecimento</b>	2%
<b>Em casa com a família</b>	57,1%
<b>Com amigos ou outros parentes</b>	6,1%
<b>Em aulas no ensino fundamental</b>	4,1%
<b>Em aulas no ensino médio</b>	2%
<b>Em aulas na faculdade</b>	10,2%
<b>Com experiência prática ou profissional</b>	38,8%
<b>Com estudos independentes</b>	30,6%
<b>TOTAL</b>	<b>150,9%</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando a percepção dos pais sobre a idade de início da própria educação financeira, é possível perceber que a soma dos respondentes que considera ter obtido o primeiro contato com educação financeira acima dos 12 anos é de 53,06%, representando mais da metade da amostra (Tabela 9).

Em seguida, 32,65% dos respondentes classifica o primeiro contato entre 8 e 11 anos. Esse resultado mostra que alguns pais percebem o início de sua educação financeira no período operacional concreto, caracterizado pelo declínio do egocentrismo, do desenvolvimento do senso moral e início do processo de pensamento lógico.

Os achados vão ao encontro da literatura pois a percepção do início da educação financeira se dá em uma fase mais avançada do desenvolvimento cognitivo. Embora o grupo respondente considere ter boa educação financeira e tenha uma situação financeira familiar estável, a literatura mostra que o início tardio da educação financeira contribui para problemas de endividamento excessivo na vida adulta, que caracteriza a sociedade atual.

Tabela 9 – Idade de início da própria educação financeira

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>Idade de início da própria educação financeira</b>		
Nunca teve contato	4,08%	2
Entre 0 e 2 anos	0%	0
Entre 2 e 7 anos	10,20%	5
Entre 8 e 11 anos	32,65%	16
Entre 12 e 16 anos	24,49%	12
Com mais de 16 anos	28,57%	14
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

O aperfeiçoamento da educação financeira do grupo pesquisado ocorre, em geral, na vida adulta, como mostra a tabela 10. Embora a maior frequência obtida tenha sido em casa (44,90%), não se pode concluir que essa vivência tenha acontecido necessariamente na infância. Os resultados obtidos apontam a vida adulta como estágio de maior aperfeiçoamento.

Tabela 10 – Aperfeiçoamento da própria educação financeira

Variável	Respostas (%)
<b>Aperfeiçoamento da educação financeira</b>	
Em casa (experiências com a família)	44,90%
Com amigos ou outros parentes	6,10%
Aulas – ensino fundamental	0%
Aulas – ensino médio	2%
Aulas - faculdade	6,10%
Aulas - faculdade	38,80%
Experiência prática ou profissional	38,80%
Estudos independentes	38,80%
<b>TOTAL</b>	<b>175,50%</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Concluindo a pesquisa acerca de crenças e valores dos pais e responsáveis, observa-se que as famílias respondentes concordam com a importância da educação financeira infantil, como mostra a tabela 11.

Tabela 11 – Opinião sobre educação financeira infantil

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>Considera importante educação financeira infantil</b>		
Concordo totalmente	98 %	48
Concordo parcialmente	2%	1
Não concordo nem discordo (ou não sei)	0%	0
Discordo parcialmente	0%	0
Discordo totalmente	0%	0
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

#### 4.2.3. Comportamento familiar dos respondentes

Inicialmente, os pais foram questionados sobre a idade em que consideram que deve ser iniciada a educação financeira infantil. Dentre os pais entrevistados, 73,47% acreditam que a educação financeira das crianças deve ser iniciada entre os 2 e 7 anos, como se pode perceber na tabela 12.

Assim, o grupo respondente considera que a educação financeira deve ser iniciada no estágio pré-operacional de desenvolvimento cognitivo. Conforme os autores estudados no trabalho, especialistas em educação financeira infantil, colocam tal idade como a ideal para o uso de ferramentas de apoio para a educação financeira, de forma mais informal, por ser o período em que o interesse pelo dinheiro não é significativo, mas sim, de preparação para o terreno (D'Aquino, 2014).

Tabela 12 – Idade de início da educação financeira infantil

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>Idade de início da educação financeira infantil (filhos)</b>		
Entre 0 e 2 anos	0%	0
Entre 2 e 7 anos	73,47%	36
Entre 8 e 11 anos	18,37%	9
Entre 12 e 16 anos	8,16%	4
Com mais de 16 anos	0%	0
Não sei ao certo	0%	0
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Através da tabela 13 é possível observar que o mesmo período é levantado por 77,60% dos respondentes como o período de surgimento do interesse das crianças pelo dinheiro ou pelo consumo.

Tabela 13 – Idade de início do interesse pelo dinheiro ou consumo

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>Interesse pelo dinheiro (filhos)</b>		
Entre 0 e 2 anos	0%	0
Entre 2 e 7 anos	77,60%	38
Entre 8 e 11 anos	14,30%	7
Entre 12 e 16 anos	6,10%	3
Com mais de 16 anos	0%	0
Não sei ao certo	2%	1
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Quando convidados a manifestar, de forma aberta, como notaram o interesse das crianças pelo dinheiro, as respostas demonstraram que o interesse maior pelo dinheiro foi despertado através do desejo de consumo. A transcrição de resposta de uma família, com 2 crianças de idade entre 0 e 7 anos, ilustra a impressão que parece ser comum entre os pais respondentes da pesquisa:

*“Os desenhos animados disponíveis nos canais de TV por assinatura apresentam muita propaganda de brinquedos, os quais geram muita curiosidade das crianças. Houve uma época em que a minha filha mais velha pedia todos os brinquedos que via na TV, o que gerou a necessidade de explicar várias coisas a ela, como de onde vem o dinheiro que pagam as contas, que ele é limitado, ou seja, se comprar um item "X" não poderemos comprar o item "Y", que para comprar tal produto precisaremos guardar dinheiro durante tanto tempo, além de explicar que podemos economizar mudando alguns hábitos de consumo em casa, como desligar a luz de um cômodo quando não estamos mais nele”.*

Os pais foram convidados a emitir o grau de concordância com algumas afirmações, dentro de uma escala de 5 pontos, variando entre a total discordância e a total concordância, com opção neutra. Dessa forma, puderam manifestar sua opinião acerca dos assuntos abordados. As afirmações e as respostas obtidas estão representadas na tabela 14.

Tabela 14 – Afirmações de atitudes e crenças

	Concordo Totalmente	Concordo Parcialmente	Neutro	Discordo Parcialmente	Discordo Totalmente
<b>Costumo manter uma atitude positiva frente ao dinheiro</b>	36	8	4	0	1
<b>Costumo reclamar sobre dinheiro na frente dos meus filhos</b>	1	10	2	23	13
<b>Costumo reclamar sobre meu trabalho na frente das crianças</b>	1	5	4	13	26
<b>Acho importante conversar sobre dinheiro com as crianças</b>	43	4	1	0	1
<b>Em minha casa, temos o costume de doar brinquedos e roupas que não usamos mais</b>	42	6	0	0	1
<b>Costumo atender os desejos de consumo dos meus filhos sempre que possível</b>	8	17	15	9	0
<b>Costumo premiar com recompensas materiais por boas notas ou comportamento</b>	2	10	6	12	19
<b>Percebo as crianças com comportamento muito imediatista</b>	24	12	6	5	2
<b>Faço promessas que não cumpro</b>	3	4	2	9	31
<b>Acho importante que as crianças saibam da condição financeira da família</b>	31	13	4	1	0
<b>Acho importante que percebam que há diferenças no poder de compra das famílias</b>	38	5	5	0	1
<b>Costumo premiar as crianças com dinheiro quando realizam tarefas domésticas</b>	1	5	12	8	23
<b>As crianças ganham presentes apenas em datas combinadas (Natal, aniversário, etc)</b>	10	15	9	8	7

Fonte: Elaborado pela autora

As afirmações apresentadas fornecem respostas sobre a questão das atitudes dos pais enquanto agentes responsáveis pela educação dos filhos. Conforme apresentado na seção 2.3.2, as atitudes dos pais representam parte importante do processo de educação financeira, complementando os instrumentos que podem ser utilizados.

Nesse contexto, é possível perceber que a maior parte do grupo parece ter o entendimento de que a relação com o dinheiro e o trabalho deve ser positiva, para

que os filhos possam absorver esse comportamento natural frente ao dinheiro e como ganha-lo.

O grupo pesquisado, de modo geral, mantém uma atitude positiva frente ao dinheiro, acha importante conversar sobre dinheiro com as crianças e procura não reclamar de dinheiro ou trabalho quando na presença dos filhos, reforçando o aspecto norteador de “como ganhar”. Ainda, considera importante que as crianças entendam que há diferenças na renda e no poder de consumo das diferentes famílias.

Em se tratando de outro aspecto norteador da educação financeira, “como doar”, 47,9% dos respondentes concorda totalmente ou parcialmente com a afirmação de que realizam periodicamente doação de brinquedos e roupas que não mais utilizam.

As maiores variações de respostas estão concentradas nas afirmações que refletem os conceitos norteadores de “como gastar” e “como poupar”. As respostas indicam que os pais percebem nos filhos um comportamento muito imediatista, mas, ao mesmo tempo, quando questionados sobre a premiação por boas notas, o atendimento dos desejos de consumo e os presentes em datas estipuladas, percebe-se uma maior variação na distribuição das respostas, ou seja, não há um comportamento tão uniforme do grupo.

Em se tratando especificamente da utilização de instrumentos, como já apontado, a conscientização da importância da educação financeira infantil tem levado a uma maior oferta de ferramentas lúdicas para abordar o tema, como livros e jogos educativos. Nesse contexto, tais materiais lúdicos são considerados importantes pelas famílias pesquisadas, com um percentual de 91,80% de concordância (Tabela 15).

Vale salientar, entretanto, que 36,70% consideram importante a utilização deste tipo de material, mas não buscam alternativas, por falta de tempo ou outro fator.

Tabela 15 – Livros e jogos educativos sobre finanças

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>Importância de livros e jogos lúdicos</b>		
<b>Acho importante e busco alternativas</b>	55,10%	27
<b>Acho importante e não busco alternativas (ou não tenho tempo)</b>	36,70%	18
<b>Não acho importante</b>	0%	0
<b>Nunca pensei no assunto</b>	8,20%	4
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Os pais foram questionados sobre a idade em que estimulavam as crianças a realizar determinadas atividades (que podem se relacionar com a educação financeira) através da escolha única dentre alternativas que refletem os estágios cognitivos do desenvolvimento. Os resultados são apresentados na tabela 16.

Através dos resultados pode-se perceber que, no período sensório-motor (antes dos dois anos de idade), há alguma incidência de estímulo, por parte dos pais, em iniciar comportamentos base de educação financeira. Porém, é no período pré-operacional (entre 2 e 7 anos) que o estímulo se intensifica na maior parte dos comportamentos.

No estágio operacional-concreto (entre 8 e 11 anos) observa-se uma maior incidência de respostas sobre adoção de mesada ou semanada, manuseio de dinheiro com autonomia, responsabilidade sobre pequenos gastos fixos, participação em decisões familiares e a abordagem da noção de assuntos um pouco mais complexos, como juros.

No estágio operacional-formal (entre 12 e 16 anos) há um declínio do estímulo, com prevalência mais significativa na inserção do aprendizado de assuntos mais complexos.

A adoção da mesada é um assunto conflitante na literatura. Há autores que afirmam que a mesada não é necessária para a educação financeira e serve como ponto de partida para que se converse sobre dinheiro, mas limita o que se entende por educação empreendedora. Na educação empreendedora é importante que as crianças aprendam a conseguir seu próprio dinheiro (Kepler, 2020).

Tabela 16 – Comportamentos apresentados ou estimulados por idade

Idade	0-2	2-7	8-11	12-16	+16	Não importante
<b>Saber dizer, na capacidade da compreensão, ocupação profissional</b>						
	4	37	6	2	0	0
<b>Ajudar a separar brinquedos e roupas para doação</b>						
	7	38	4	0	0	0
<b>Observar o dinheiro e suas nuances (moedas e notas, tamanho e cor)</b>						
	2	42	4	1		0
<b>Manusear moedas</b>						
	2	37	8	0	1	1
<b>Manusear dinheiro acompanhadas</b>						
	1	39	7	1	0	1
<b>Manusear dinheiro sozinhas</b>						
	0	6	32	6	0	5
<b>Receber dinheiro próprio (mesada / semanada)</b>						
	0	11	23	7	1	7
<b>Guardar algum dinheiro para comprar algo especial</b>						
	1	29	15	4	0	0
<b>Fazer brincadeiras que envolvam dinheiro (lojinha, mercado, etc)</b>						
	2	38	7	1	0	1
<b>Acompanhar a família em estabelecimentos de consumo</b>						
	8	36	3	2	0	0
<b>Ter um cofrinho</b>						
	6	38	5	0	0	0
<b>Assumir despesas pessoais (lanche da escola, pequenos gastos fixos)</b>						
	0	12	22	6	2	7
<b>Participar de algumas decisões da família (onde fazer um passeio / férias)</b>						
	1	16	23	6	0	3
<b>Ajudar a elaborar a lista de compras de supermercado da família</b>						
	1	22	17	4	0	5
<b>Comparar preços antes de realizar uma compra</b>						
	0	21	22	1	1	4
<b>Considerar diferentes aspectos de um produto para formar noção de preço</b>						
	1	27	14	3	1	3
<b>Entender conceitos mais complexos, como juros, por exemplo</b>						
	1	2	23	18	1	4
<b>Pensar sobre o que desejam consumir (se querem ou precisam)</b>						
	2	24	17	4	1	1

Fonte: Elaborado pela autora

Nas respostas dos pais, observa-se que a adoção da mesada e a adoção de gastos fixos próprios teve alguma incidência de respostas “Não acontece / Não acho importante”, o que reflete o conflito de opiniões apresentado na literatura.

Aprofundando o assunto, quando questionadas sobre a adoção da mesada como instrumento de educação financeira, 37 famílias afirmaram optar pelo uso do recurso (representando 75,51% do total de respondentes). Através de uma análise isolada de cada uma das 37 famílias respondentes, observou-se que há incidência da adoção do recurso em todas as faixas etárias classificadas na teoria de Piaget.

Os comportamentos em relação a adoção da mesada estão sintetizados na tabela 17.

Tabela 17 – Adoção da mesada (comportamentos)

<b>Variável</b>	<b>Respostas (%)</b>
<b>Iniciativa das crianças</b>	5,41%
<b>Iniciativa própria</b>	51,35%
<b>O valor considera opiniões das crianças</b>	10,81%
<b>Cumpre dia e valor combinados</b>	29,73%
<b>Crianças assumem gastos pessoais</b>	35,14%
<b>Converso e estímulo controle de gastos</b>	62,16%
<b>Estímulo poupar para gastos maiores</b>	67,57%
<b>Pego dinheiro emprestado</b>	10,81%
<b>Desconto por mau comportamento / notas</b>	10,81%
<b>Filhos gastam antes do tempo</b>	2,70%
<b>Faço adiantamentos ou assumo contas</b>	2,70%
<b>Estímulo a busca por soluções próprias caso a mesada termine antes do tempo</b>	29,73%
<b>TOTAL DE RESPONDENTES</b>	<b>37</b>

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela apresentada mostra que 51,35% das 37 famílias respondentes decidiu adotar o recurso da mesada por iniciativa própria enquanto 5,41% o fez por iniciativa das crianças, totalizando 56,76%. Dentre as justificativas apresentadas para adoção, encontra-se, principalmente, o comportamento de consumo manifestado pelos filhos. Uma resposta que ilustra essa justificativa é transcrita abaixo, de uma família com duas crianças entre 2 e 7 anos:

*“Ao pedir sempre algo para comprar em todos os lugares iniciamos a mesada para que pudesse entender o valor do dinheiro e juntar o dinheiro para comprar o que queria”.*

A adoção da mesada exige comprometimento das famílias, de forma a permitir que as crianças exercitem o hábito de poupança e aprendam a fazer melhores escolhas de consumo. Os comportamentos apresentados no grupo pesquisado revelam uma tendência de busca de tal aprendizado, uma vez que mais de 60% das 37 famílias afirma conversar com os filhos e estimular o controle de gastos, além de estimular para que poupem para gastos planejados e maiores.

Contudo, ainda que em menor escala, também são observados comportamentos considerados negativos, como, por exemplo, o desconto por mau comportamento e o empréstimo de dinheiro da mesada dos filhos.

Dentre as famílias que não adotam mesada, notou-se uma preocupação em utilizar outros recursos e instrumentos para a educação financeira dos filhos. Uma transcrição de resposta de uma família não adotante de mesada, com um filho de idade entre 12 e 16 anos é apresentada abaixo.

*“Eu nunca usei mesada. Já pensei no assunto e não tenho opinião forte formada em uma direção ou outra. Meu filho na verdade faz pequenos serviços pagos em finais de semana, onde ele recebe mensalmente o suficiente para comprar as coisas que deseja. Ele tem bastante liberdade no que compra com o que ganha, mas todas coisas foram positivas, então não precisei me envolver. Toda criança deveria sair do ensino médio com conhecimento básico do mercado de ações”.*

Outro relato de família não adotante de mesada, com dois filhos entre 12 e 16 anos mostra a preocupação em inserir os filhos na vida financeira doméstica, através do conhecimento das despesas familiares:

*“Não adotamos mesada na nossa família. Os filhos têm um valor em suas carteiras que serve como segurança para usarem quando julgarem necessário (um lanche, um objeto de desejo ...). Estimulamos a economia de tudo o que recebem, especialmente dos presentes em dinheiro que ganham de outras pessoas. Ensinamos os filhos a participar dos pagamentos dos boletos mensais da família (condomínio, luz, cartão de crédito) “.*

Em se tratando de outras vivências cotidianas adotadas, principalmente no que tange às opiniões das crianças e o exercício de seu poder de escolha, a tabela

18 apresenta uma síntese do comportamento dos respondentes. Através dos dados levantados, é possível observar que a maioria dos pais (77,6%) considera a opinião das crianças em algumas decisões familiares.

Entretanto, quando se trata da prática da destinação de orçamento para que a criança possa exercer sua autonomia de escolha de onde e como gastar seu dinheiro, apenas 32,7% dos pais afirmam fornecer tal liberdade financeira, enquanto cerca de 42,9% destinam orçamento para crianças em viagens ou passeios e 57,1% o fazem nas compras de mercado.

Tabela 18 – Vivência cotidiana (comportamentos)

Variável	Respostas (%)
Crianças opinam / não dou atenção	0%
Considero opinião / algumas decisões	77,6%
Decisões comumente baseadas na opinião das crianças	4,1%
Viagem ou passeio / orçamento para crianças	42,9%
Crianças verificam itens necessários / mercado	22,4%
Orçamento / mercado	57,1%
Liberdade para gastar dinheiro	32,7%

Fonte: Elaborado pela autora

Finalmente, em se tratando do conhecimento dos pais sobre a presença do ensino da educação financeira na escola dos filhos, observou-se que mais da metade das famílias afirma ter conhecimento enquanto 22,45% afirmam o contrário. Observou-se também que 20,41% afirmam que a escola dos filhos não trabalha o assunto (Tabela 19).

Tabela 19 – Conhecimento sobre vivência escolar

Variável	Respostas (%)	Respostas (número)
<b>A escola do filho trabalha o assunto</b>		
<b>Sim</b>	57,14%	28
<b>Não</b>	20,41%	10
<b>Não tenho conhecimento</b>	22,45%	11
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>

Fonte: Elaborado pela autora

### 4.3 RESUMO

Este capítulo apresentou a análise dos resultados obtidos após a aplicação das etapas descritas na metodologia. Foram levantadas as relações obtidas através da análise das respostas das 49 famílias pesquisadas, considerando não só os resultados quantitativos, mas também os achados qualitativos acerca de cada tópico trabalhado.

O capítulo a seguir reúne as considerações finais da presente pesquisa, retomando os objetivos e elencando as possibilidades de trabalhos futuros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo buscou-se investigar quais instrumentos são utilizados pelos pais ou responsáveis quando da educação financeira das crianças menores de 16 anos sob sua responsabilidade.

Para tanto, foi elaborado um questionário de pesquisa que foi enviado via e-mail e redes sociais a grupos de pais com filhos dentro da idade de interesse. A escolha dos respondentes, portanto, foi feita por acessibilidade, tendo como único limitador a presença de crianças na família dentro da faixa etária de desenvolvimento cognitivo, seguindo a linha dos estudos de Piaget (2013).

Foram obtidas 49 respostas ao total e a análise do perfil do grupo respondente mostrou um grupo coeso, formado por famílias de classe social média ou mais elevada, com boa escolaridade, com um ou dois filhos cujas idades estão concentradas principalmente entre 2 e 11 anos. A baixa adesão ao questionário já era um fator limitante previsto para a pesquisa, uma vez que se trata de assunto ainda considerado sensível pela sociedade, conforme demonstrado no capítulo 3.

A uniformidade do grupo respondente, por sua vez, não permitiu o estabelecimento de relações mais aprofundadas em relação aos diferentes aspectos demográficos e socioeconômicos que podem impactar a escolha dos instrumentos aplicados nas famílias. Assim, os resultados encontrados e as análises ficaram restritas aos instrumentos que são utilizados por famílias dentro do perfil respondente, traçando apenas um paralelo com a adequação dos mesmos ao estágio cognitivo de desenvolvimento infantil.

Dado o exposto, a análise dos resultados mostrou que o grupo pesquisado acredita possuir bom nível de educação financeira e boa situação financeira. A análise das crenças das famílias mostra uma preocupação com a educação financeira dos filhos uma vez que os pais percebem que a mesma deve ser iniciada em casa, porém em um estágio um pouco mais avançado do desenvolvimento cognitivo, entre 2 e 7 anos.

Cumprе salientar que, apesar da percepção dos pais de que o início da educação financeira deve ocorrer no estágio cognitivo pré-operacional, a educação financeira própria é percebida mais tarde, como tendo seu início na fase posterior, ou seja, o estágio operacional-concreto. Diante desse achado, a importância do estudo da educação financeira dentro do contexto de desenvolvimento cognitivo é

relevante e justifica a pesquisa realizada, pois a escolha das ferramentas deve ser feita de forma adequada, favorecendo a compreensão dentro da evolução do pensamento infantil.

Uma possível justificativa para a percepção mais tardia dos pais sobre o início de sua própria educação financeira está no fato de que é no estágio operacional-concreto é que ocorre o início do processo de pensamento lógico e, portanto, o desenvolvimento da lógica favorece o entendimento do uso e do manejo do dinheiro de forma mais palpável. Além disso, é a fase em que as associações concretas são feitas. Como coloca Manfredini (2007, p.139): “As crianças de 7 e 8 anos já conseguem diferenciar os fatos positivos e negativos em relação ao dinheiro, assim como crianças de 9 e 10 anos já aliam sentimentos ao fato de ter ou não mais ou menos dinheiro”.

É notável o fato de que os pais questionados entendem a relevância da preparação do terreno para posterior formalização da educação financeira, mesmo que não tenham lembranças de ter passado ou não pelo mesmo processo.

Em termos teóricos, a presente pesquisa contribui para um entendimento mais amplo acerca do tema. Atendendo a um dos objetivos específicos, a revisão bibliográfica identificou os conceitos financeiros que devem servir como norteadores do processo de educação financeira infantil e identificou ferramentas e comportamentos que podem ser utilizados como facilitadores da formação de tais conhecimentos, considerando sempre os estágios cognitivos de desenvolvimento infantil. Ainda, foi possível identificar que a literatura especializada em educação financeira infantil já considera o processo de desenvolvimento cognitivo infantil, ainda que não mencionando especificamente nenhuma teoria de desenvolvimento.

Em termos práticos, esta pesquisa propiciou a verificação de como se dá o processo de educação financeira infantil em um contexto familiar através da identificação dos conceitos e ferramentas que são utilizados de forma consciente ou inconsciente pelas famílias estudadas, traçando um paralelo sobre sua adequação ao desenvolvimento cognitivo infantil.

A análise das famílias mostrou que a escolha das ferramentas tende a ser adequada, considerando o perfil pesquisado. Embora algumas sugestões propostas na literatura para cada estágio não sejam adotadas por parte das famílias participantes, foi possível reconhecer uma adequação de ferramentas para cada faixa etária.

No período sensório-motor, não há um reconhecimento consciente de que já é possível iniciar a base de alguns conceitos de educação financeira, especialmente da espera. No estágio pré-operacional, entretanto, os pais já notam o interesse de consumo das crianças e entendem a necessidade de trabalhar a questão. Para isso, já começam a expor a criança ao dinheiro, já trabalham a importância da doação e estimulam a poupança e o controle de gastos em vivências cotidianas.

Mais tarde, no estágio operacional-concreto, fica mais evidente no grupo pesquisado a adoção da mesada, a autonomia no manuseio do dinheiro e a transferência de responsabilidade de pequenos gastos fixos. No estágio operacional-formal, o grupo pesquisado tem uma preocupação maior em apresentar conceitos mais complexos sobre dinheiro.

Assim, as famílias pesquisadas não só percebem a importância da educação financeira em casa, como também demonstram preocupação em utilizar ferramentas adequadas para realizá-la. Entretanto, ainda adotam alguns comportamentos conflitantes, como, por exemplo, não estipular datas para o recebimento de presentes e premiar os filhos financeiramente ou com itens de consumo por boas notas na escola.

Sobre as limitações da pesquisa, ressalta-se que não foi possível realizar um estudo de caso em profundidade. Todavia, a presente pesquisa não buscou esgotar todas as implicações que envolvem o tema, mas, sim, visou contribuir para que se fomenta a discussão sobre educação financeira, corroborando com a literatura no que tange ao assunto.

Como futuras pesquisas, sugere-se um aprofundamento do tema, através, por exemplo, de pesquisas com grupos focais dentro de cada estágio cognitivo, a fim de se levantar também a percepção das crianças como agentes de aprendizado. Adicionalmente, pode-se sugerir uma investigação mais focada na influência dos fatores demográficos e socioeconômicos na escolha das ferramentas utilizadas.

## REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre; LIMA, Fabiano Guasti. **Curso de Administração Financeira**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2019. 839 p.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (Brasília). **Caderno de Educação Financeira: gestão de finanças pessoais**. Gestão de Finanças Pessoais. 2013. 72 p. Disponível em:

[https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos\\_cidadania/Cuidando\\_do\\_seu\\_dinheiro\\_Gestao\\_de\\_Financas\\_Pessoais/caderno\\_cidadania\\_financeira.pdf](https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_seu_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf). Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

C6BANK (São Paulo). **Relatório Anual**. 2020. Disponível em: <https://www.c6bank.com.br/documentos/>. Acesso em: 18 set. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS (Brasília). **Educação Financeira para Pais**: cartilha com sugestões para os pais a respeito da educação financeira de seus filhos. 2011. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br>. Acesso em: 22 set. 2021.

CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro; *et al.* **Trabalho de conclusão de curso (TCC): uma abordagem leve, divertida e prática**. 1 ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2020. 320 p.

COSTA, Carlos Eduardo Freitas. **Sim! Dinheiro é assunto para crianças!** São Paulo: Scrittore, 2019. 119 p.

D'AQUINO, Cassia. **Como falar de dinheiro com seu filho**. São Paulo: Saraiva, 2014. 128 p.

GERBASI, Gustavo. **Pais Inteligentes Enriquecem seus Filhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. 176 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 173 p.

GITMAN, Lawrence J.. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson, 2010. 778 p.

ITAU (Brasil). **Tabu**. 2021. Disponível em: <https://www.italu.com.br/educacao-financeira/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; MARION, José Carlos. **Cartas aos Estudantes de Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2020. 270 p.

KASSARDJIAN, Ana Carolina Cervieri. **Educação financeira infantil**. São Paulo, 2013.

KEPLER, João. **Se vira, moleque!**: Prepare seu filho para construir uma vida com protagonismo, autorresponsabilidade,, realização pessoal e prosperidade.. 1. ed. São Paulo: Gente, 2020. 224 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021. 368 p.

MANFREDINI, Andreza Maria Neves et al. **Pais e filhos: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição**. 2007.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2016. 224 p.

MINELLA, João Marcos et al. **A influência do materialismo, educação financeira e valor atribuído ao dinheiro na propensão ao endividamento de jovens**. *Gestão & Planejamento-G&P*, v. 18, 2017.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011. 72 p.

PÁDUA, Gelson L. D. **A epistemologia genética de Jean Piaget**. *Revista FACEV*, Primeiro semestre de 2009, número 2, p 22 -35.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 256 p. v. 1.

SANTOS, José Odílio dos. **Finanças Pessoais para Todas as Idades**: um guia prático. São Paulo: Atlas, 2014. 276 p

SILVA, M. A.; LEAL, Edvalda Araújo; ARAÚJO, Tamires Sousa. **As Influências dos Fatores Demográficos e Socioeconômicos no Conhecimento Financeiro dos Estudantes do Ensino Médio**: Um Estudo nas Escolas Públicas de Uberlândia-MG. In: 2º Congresso UFU de Contabilidade, Gestão e Agronegócio, Uberlândia. 2017.

SOUZA, Débora Patricia de. **A Importância da Educação Financeira Infantil**. 2012. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Contábeis, Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, 2012.

WEBER, Carine. **Análise do Conhecimento Financeiro dos Alunos do Ensino Médio**. 2016. 101 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Contábeis, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Olá,

Convido você a participar voluntariamente de uma pesquisa na área de finanças pessoais, especificamente considerando a educação financeira na infância.

Você está apto a participar da pesquisa se for pai ou responsável por uma ou mais crianças menores de 16 anos de idade. No entanto, o ideal é que apenas um responsável pela criança responda ao questionário.

Com esta pesquisa, pretende-se entender e analisar que instrumentos estão sendo utilizados pelos pais, responsáveis legais e/ou familiares de convívio diário para colaborar na formação do conhecimento financeiro de crianças menores de 16 anos.

Para isso, os seguintes procedimentos metodológicos serão adotados:

1. Coleta de dados através da utilização deste questionário.
2. Seleção de dados: os dados coletados serão submetidos a uma verificação crítica, com o objetivo de detectar falhas ou erros que podem influenciar os resultados da pesquisa
3. Codificação de dados: os dados selecionados serão categorizados, ou seja, serão quantificados, com o objetivo de facilitar sua comunicação.
4. Tabulação de dados e análise: os dados serão dispostos em tabelas e transformados em gráficos, a fim de se realizar a verificação de suas inter-relações.

A participação nesta pesquisa não gera nenhum custo a você, nem lhe dará qualquer vantagem financeira.

Você é livre para participar desta pesquisa ou recusar-se a participar, podendo interromper sua participação antes do envio das respostas, sem qualquer penalidade, conforme previsto pela Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – Lei nº 13.709/2018. Não há necessidade de realizar login, fornecer nome ou e-mail para participação na pesquisa. Dessa forma, não é possível realizar a identificação dos respondentes.

Os dados coletados serão utilizados somente para os fins acadêmicos e científicos.

Este questionário, bem como os dados individuais coletados ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 6 meses, e, após esse tempo serão destruídos. Entretanto, os resultados obtidos através da análise geral dos dados coletados (segundo os procedimentos previamente mencionados), ficarão disponíveis sob a forma de documentos acadêmicos, tais como trabalho de conclusão de curso e artigos científicos.

Caso tenha qualquer dúvida ou deseje entender melhor os objetivos da pesquisa, favor entrar em contato através do e-mail: <e-mail fornecido para contato>

Obrigada por sua colaboração!

### **Parte I – Pesquisa de perfil familiar**

Quantas crianças vivem sob sua responsabilidade? (Menores de 16 anos)

- Apenas uma
- Duas crianças
- Três crianças
- Mais de três crianças

Qual a idade dessa(s) criança(s)? (Caso tenha mais de uma criança vivendo sob sua responsabilidade, marque todas as alternativas que representem a idade de cada uma dessas crianças)

- Entre 0 e 2 anos
- Entre 2 e 7 anos
- Entre 8 e 11 anos
- Entre 12 e 16 anos

Qual o maior grau de escolaridade dos pais ou responsáveis por essa(s) criança(s)? (Escolha a opção que representa o maior grau de escolaridade dentre os responsáveis)

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação

Caso pelo menos um dos responsáveis possua ensino superior completo, qual a área de formação profissional? (Marque as opções referentes a cada responsável, se aplicável)

- Ciências Exatas e da Terra ou Engenharias
- Ciências Biológicas ou da Saúde
- Linguagens, Artes, Música, Teatro
- Ciências Sociais Aplicadas ou Ciências Humanas

Qual é a renda familiar mensal? (Considere a renda de todos os moradores da casa e o salário mínimo federal vigente no valor de R\$ 1.212,00)

- Menos de 2 salários mínimos (menos de R\$ 2.424,00)
- Entre 2 e 4 salários mínimos (entre R\$ 2.424,00 e R\$ 4.848,00)
- Entre 4 e 10 salários mínimos (entre R\$ 4.849,00 e R\$ 12.120,00)
- Entre 10 e 20 salários mínimos (entre R\$ 12.121,00 e R\$ 24.240,00)
- Mais de 20 salários mínimos (mais de R\$24.240,00)

## **Parte II - Pesquisa de conhecimentos e crenças pessoais do respondente**

Como você avalia seu conhecimento sobre finanças pessoais?

- Nenhum conhecimento

- Pouco conhecimento
- Neutro / Não sei
- Algum conhecimento
- Muito conhecimento

Onde você considera que se iniciou seu processo de educação financeira?

- Não tenho conhecimento em educação financeira ou não sei responder
- Em casa com a família
- Com amigos ou outros parentes
- Em aulas no ensino fundamental
- Em aulas no ensino médio
- Em aulas na faculdade
- Com experiência prática ou profissional
- Com estudos independentes através de cursos, internet, televisão, rádio, revistas ou livros

Com que idade você acredita que teve o primeiro contato com a educação financeira?

- Nunca tive contato
- Entre 0 e 2 anos
- Entre 2 e 7 anos
- Entre 8 e 11 anos
- Entre 12 e 16 anos
- Com mais de 16 anos

Onde você considera que mais adquiriu conhecimentos para gerir de forma satisfatória seu dinheiro?

- Em casa através de experiências com a família
- Com amigos ou outros parentes
- Em aulas no ensino fundamental
- Em aulas no ensino médio

- Em aulas na faculdade ou cursos diversos
- Com experiência prática ou profissional
- De estudos independentes através de cursos, internet, televisão, rádio, revistas ou livros

Qual frase MELHOR descreve a situação do dinheiro na sua família?

- Usualmente, temos mais do que precisamos para pagar todas as contas mensais e podemos economizar ou comprar coisas extras
- Pagamos todas as contas e temos o suficiente para gastos esporádicos.
- Pagamos todas as contas, mas NÃO temos o suficiente para gastos esporádicos.
- Geralmente, NÃO conseguimos pagar todas as contas mensais.

Considero importante que as crianças sejam educadas desde cedo em relação ao manejo das finanças pessoais.

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo nem discordo (ou não sei)
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

### **Parte III - Pesquisa de comportamento familiar em relação à educação financeira infantil**

Com que idade você considera que deve ser iniciada a educação financeira das crianças?

- Entre 0 e 2 anos
- Entre 2 e 7 anos
- Entre 8 e 11 anos
- Entre 12 e 16 anos
- Com mais de 16 anos
- Não sei ao certo

Com que idade as crianças que moram com você começaram a demonstrar interesse por dinheiro ou consumo?

- Entre 0 e 2 anos
- Entre 2 e 7 anos
- Entre 8 e 11 anos
- Entre 12 e 16 anos
- Com mais de 16 anos
- Não sei ao certo

Se desejar, explique brevemente como você notou o interesse dos seus filhos pelo dinheiro ou pelo consumo.

(Resposta aberta)

Para cada afirmação listada abaixo, por favor, marque a alternativa que melhor representa sua opinião.

Alternativas possíveis:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo nem discordo (ou não sei)
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

1. Procuro manter uma atitude positiva frente ao dinheiro
2. Costumo reclamar sobre dinheiro na frente de meus filhos
3. Costumo reclamar sobre meu trabalho na frente das crianças
4. Acho importante conversar sobre dinheiro com as crianças.
5. Em minha casa, temos o costume de doar brinquedos e roupas em bom estado que não usamos mais
6. Costumo atender os desejos de consumo dos meus filhos sempre que possível

7. Costumo premiar meus filhos com recompensas materiais por boas notas na escola ou bom comportamento
8. Percebo as crianças com comportamento muito imediatista
9. Faço promessas que não cumpro (ex. comprar um brinquedo que prometi)
10. Acho importante que as crianças saibam da condição financeira da família
11. Acho importante que as crianças percebam que há diferenças no poder de compra de diferentes famílias
12. Costumo premiar as crianças com dinheiro quando realizam tarefas domésticas
13. As crianças ganham presentes apenas em datas combinadas (Natal, aniversário, etc.)

Você acha importante e busca expor seus filhos a livros ou jogos que abordem o assunto de finanças de forma lúdica?

- Sim, acho importante e busco alternativas.
- Sim, acho importante, mas não busco alternativas (ou não tenho tempo)
- Não acho importante.
- Nunca pensei no assunto.

Com qual idade as crianças que vivem com você são estimuladas a fazer o que está descrito nas afirmações abaixo?

Alternativas possíveis:

- Menos de 2 anos
- Entre 2 e 7 anos
- Entre 8 e 11 anos
- Entre 12 e 16 anos
- Mais de 16 anos
- Não acontece / Não acho importante

1. Saber dizer, na medida de sua capacidade de compreensão, qual minha ocupação profissional.
2. Ajudar a separar brinquedos e roupas para doação

3. Observar o dinheiro e suas nuances (moedas e notas, tamanho e cor)
4. Manusear moedas.
5. Manusear dinheiro acompanhadas
6. Manusear dinheiro sozinhas
7. Receber dinheiro próprio (mesada / semanada)
8. Guardar algum dinheiro para comprar algo especial
9. Fazer brincadeiras que envolvam dinheiro (lojinha, mercado, etc)
10. Acompanhar a família em estabelecimentos de consumo
11. Ter um cofrinho
12. Assumir despesas pessoais (lanche da escola, pequenos gastos fixos)
13. Participar de algumas decisões da família (ex. onde passar as férias, onde fazer um passeio)
14. Ajudar a elaborar a lista de compras de supermercado da família
15. Comparar preços antes de realizar uma compra
16. Considerar diferentes aspectos de um produto para formar a noção de preço - caro e barato - (ex. quantidade presente na embalagem, qualidade)
17. Entender conceitos mais complexos como juros, por exemplo
18. Pensar sobre o que desejam consumir, se querem ou precisam

Você adota na mesada ou semanada como instrumento de educação financeira? Marque a(s) alternativa(s) que descrevem os comportamentos e crenças de sua família.

- Decidi adotar a mesada por iniciativa das crianças.
- Decidi adotar a mesada por iniciativa própria.
- Negocio o valor que será dado de mesada aos meus filhos considerando as opiniões deles.
- Procuo entregar a mesada sempre no dia estipulado e no valor correto.
- Meus filhos assumem pequenos gastos pessoais mensais.
- Converso com meus filhos sobre os gastos deles e estímulo que mantenham uma forma de controle de gastos.
- Estimulo meus filhos a poupar dinheiro da mesada para gastos planejados e maiores.

- Costumo pegar dinheiro emprestado dos meus filhos para pequenos gastos diários não programados.
- Faço descontos na mesada em caso de mau comportamento ou notas baixas.
- Meus filhos costumam gastar a mesada antes do tempo.
- Quando a mesada termina antes do tempo faço adiantamentos ou até mesmo assumo as contas dos meus filhos
- Estimulo meus filhos a buscar soluções quando a mesada termina antes do tempo e os ajudo a pensar em como resolver os problemas

As crianças, na sua casa, ajudam a tomar decisões familiares ou possuem alguma liberdade para tomar decisões financeiras pessoais? Marque a(s) alternativa(s) que descrevem os comportamentos e crenças de sua família.

- As crianças podem dar sua opinião, mas não costumo prestar atenção.
- Dentro do possível, considero a opinião das crianças em algumas decisões familiares.
- As decisões familiares são comumente baseadas nas opiniões das crianças.
- Ao planejar uma viagem ou passeio, destino um orçamento para que as crianças tomem decisões sobre ele com minha ajuda (ex. optar entre dois passeios, optar sobre onde comer, optar entre gastar o orçamento com brinquedo ao invés de um passeio pago.
- Quando elaboramos a lista de supermercado, deixo que as crianças verifiquem os itens que precisamos comprar.
- Quando vou ao mercado com as crianças, deixo que escolham um item pessoal dentro de um valor estipulado.
- Permito que as crianças tenham liberdade em gastar seu próprio dinheiro mesmo que nem sempre façam as melhores escolhas.

A escola de seu filho trabalha o assunto educação financeira?

- Sim
- Não
- Não tenho conhecimento

Este espaço é destinado a quaisquer observações que você desejar compartilhar, caso julgue necessário.

(Resposta aberta)